

MANUAL DE AUTODEFESA INTELLECTUAL

kiwi companhia de teatro

são paulo | 2015



apresentação	5
encenação	5
justificativa	6
ficha técnica	7
trajetória da kiwi companhia de teatro	8
montagens teatrais	10
leituras dramáticas e experiências cênicas	11
objetivos gerais da kiwi companhia de teatro	12
currículos da equipe	13
contatos	25
álbum de fotos	26
mapa de palco	29
clipping	30

sumário



TRABALHO CÊNICO MANUAL DE AUTODEFESA INTELLECTUAL



*Todos os gatos são mortais.
Sócrates é mortal.
Logo, Sócrates é um gato.*
Sofisma de origem desconhecida

*Ubi dubium, ibi libertas.
[Onde há dúvida, há liberdade.]*
Provérbio latino

Proteja-me daquilo que eu quero.
Jenny Holzer



APRESENTAÇÃO

O trabalho cênico **MANUAL DE AUTODEFESA INTELLECTUAL**, da *KIWI COMPANHIA DE TEATRO*, discute crenças e mistificações contemporâneas, colocando em debate tanto superstições e charlatanismos, como operações midiáticas e políticas. Inspirada no teatro documentário, ela também utiliza números de mágica, vídeo e música ao vivo. Em cena estão quatro atores e dois músicos.

Com o apoio do Programa de fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo, a peça fez duas temporadas em 2015 na cidade de São Paulo (SESC Belenzinho e Galpão do Folias).

Teaser do trabalho: <https://www.youtube.com/watch?v=G80n04GF8jE>

ENCENAÇÃO

MANUAL DE AUTODEFESA INTELLECTUAL discute questões como mistificações contemporâneas, credences, sistemas religiosos, operações midiáticas e superstições. A peça utiliza recursos da linguagem cênica (do teatro, mas também das técnicas de ilusão), lançando mão da paródia e da ironia (como o título já indica, ao recorrer à ideia de “manual”) e de outras formas de humor. Neste sentido, junto com a cultura popular e de massa, propõe-se uma reflexão e uma crítica sobre ela.

Como em trabalhos anteriores do grupo, são utilizados procedimentos do teatro documentário, como a estrutura em cenas independentes ou *tableaux*, o recurso à trechos da literatura clássica (Machado de Assis) e a transformação em cenas de textos teóricos e analíticos.

A cenografia, com a continuidade do trabalho de Julio Dojcsar, cenógrafo em **MORRO COMO UM PAÍS**, privilegia a criação de um “espaço de investigação”, um “laboratório cênico”, usando o conceito de reflexão, em sentido literal e metafórico. Da mesma forma, a parceria com a iluminadora Heloísa Passos (conhecida por seus trabalhos no cinema) dá sequência à pesquisa de fontes alternativas de iluminação. Neste caso, é usado um gigantesco rebatedor de luz de 64 metros quadrados como “céu estrelado”, além de objetos inspirados na obra do artista cinético Julio Le Parc.

Partindo das reflexões filosóficas de Descartes, a peça sugere “o exercício coordenado da dúvida e o abalo sistemático das verdades”. Os números de mágica representam, simbolicamente, a “suspensão da descrença”, permitindo ao público analogias com outras formas de engano, seja no âmbito individual ou social.

A peça cria, por vezes, um clima próximo ao cabaré, utilizando música ao vivo. Também lança mão do recurso audiovisual, apresentando ilusões de ótica (a partir da *gestalt* e do *trompe l'œil*), que são metáforas da falibilidade dos sentidos e da possibilidade constante do engano.

Confira o vídeo da peça sem cortes: <https://youtu.be/nrCT6r7X7CY>



JUSTIFICATIVA

Há um conjunto de preocupações, formais e de conteúdo, que norteia o trabalho da *COMPANHIA* desde sua criação, no final de 1996. Ele está relacionado a temas de sociedade, como xenofobia e colonialismo, em *O BOM SELVAGEM*; possibilidades e limites da arte, em *O ARTISTA DA FOME*; revolução social e científica em *R*; patriarcado e violência de gênero em *CARNE*; sociedade do espetáculo e mercantilização dos bens simbólicos, em *TEATRO/MERCADORIA #1*; estado de exceção e direito à memória, verdade e justiça, em *MORRO COMO UM PAÍS*.

O trabalho atual, *MANUAL DE AUTODEFESA INTELLECTUAL*, dá continuidade a este projeto de refletir sobre grandes temas civilizacionais, reafirmando a necessária interlocução entre o teatro e a situação concreta do país. Em termos gerais, o trabalho procura contribuir com o pensamento sobre a formação social brasileira e sobre temas da atualidade, no caso particular do *MANUAL DE AUTODEFESA INTELLECTUAL*, sobre as numerosas formas de mistificação, a disseminação da pseudociência, o controle da informação, as diversas técnicas de produção do consenso (publicidade, relações públicas, religiões, *marketing*, etc.). O analfabetismo científico, que faz com que muitos acreditem em explicações místicas e ficções; a confusão frequente entre crença/opinião e conhecimento (doxa e episteme); os erros oriundos do pensamento circular e das relações inexistentes de causa e efeito; a presença ostensiva da fé no cotidiano; a tendência a aceitar premissas falsas como verdadeiras; a ausência quase completa da verificação das fontes; a aceitação passiva de argumentos de autoridade, entre outros procedimentos baseados apenas na intuição, no senso comum e nas experiências imediatas e pessoais, criam um ambiente propício ao engano e ao erro.

A ausência de crítica, da dúvida e do ceticismo, permite o crescimento exponencial de fenômenos como a constituição de bancadas religiosas e o ataque à laicidade do Estado. Episódios como a eleição do pastor Marco Feliciano para a presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal e a proposta da Lei do Nascituro no Congresso, apontam o caminho da falência intelectual. Em muitos casos tudo indica que, para além de divergências políticas (culturais, filosóficas, etc.), estão em jogo mistificações e manipulações grosseiras. É a partir deste diagnóstico, e de pistas para a sua superação, que foi criado o presente trabalho.

Em resumo, dá sentido e justifica este trabalho cênico a sintonia entre a investigação estética proposta (que recusa o simplismo de certas formas do teatro político, assim como o psicologismo, o cinismo ou a mera paródia), as urgências sociais (evidentes, por exemplo, dado nosso baixo nível de educação formal e a onipresença da televisão comercial) e a capacidade de interlocução que estamos construindo na última década (estabelecida em inúmeras parcerias com organizações e movimentos da sociedade civil).



FICHA TÉCNICA

roteiro e direção geral *Fernando Kinas*

elenco *Fernanda Azevedo, Maíra Chasseraux, Maria Carolina Dressler e Vicente Latorre*

músicos em cena *Eduardo Contrera e Eliane Giacomelli*

cenário e figurino *Julio Dojcsar*

iluminação *Heloísa Passos*

assistência de iluminação *Clébio Souza*

pesquisa e direção musical *Eduardo Contrera*

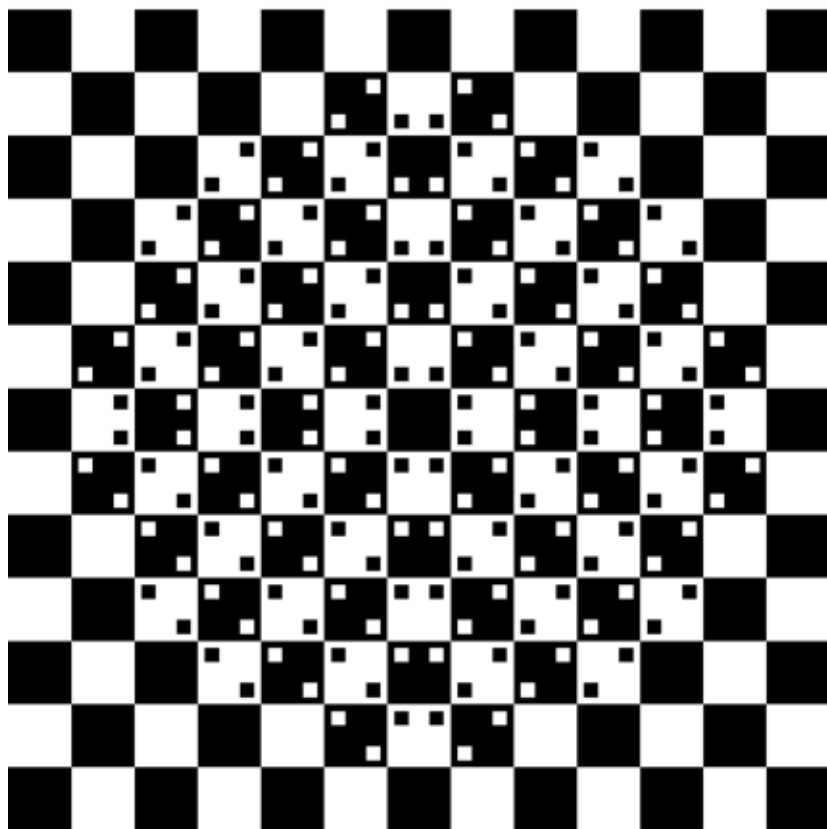
pesquisa e edição de imagens *Maysa Lepique e Felipe Vianna*

direção de produção *Luiz Nunes*

assistência de produção *Daniela Embón*

programação visual *Camila Lisboa*

concepção e realização geral *Kiwi Companhia de Teatro*



TRAJETÓRIA DA KIWI COMPANHIA DE TEATRO (1996-2015)

A *KIWI COMPANHIA DE TEATRO* surgiu em 1996 e produziu uma quinzena de montagens teatrais. Além das peças, o grupo realizou leituras dramáticas de autores como Beckett, Kafka, Hilda Hilst, Elfriede Jelinek, Heiner Müller, Julio Cortázar e Martin Crimp, organizou cursos, oficinas e debates sobre a encenação e a dramaturgia contemporâneas e eventos multiartísticos. A *COMPANHIA* publica, desde 2013, o caderno de estudos *Contrapelo*. Um dos objetivos do grupo responde à necessidade de, simultaneamente, fazer e pensar o teatro, contribuindo para a construção de pensamento crítico à respeito da sociedade brasileira.

A *COMPANHIA* é formada por componentes fixos e colaboradores em diversas áreas: Fernanda Azevedo, Fernando Kinas, Luiz Nunes, Daniela Embóm, Maria Carolina Dressler, Eduardo Contrera, Elaine Giacomelli, Julio Dojcsar, Heloísa Passos, Maysa Lepique, Paulo Fávori, Clébio Souza (Dedê), Carolina Abreu, Mônica Rodrigues, Demian Garcia, Camila Lisboa, Marina Willer, Paulo Emílio, Clóvis Inocêncio, Gavin Adams e Marie Ange Bordas.

Os trabalhos da *COMPANHIA* foram apresentados em diversas cidades do país e participaram de vários festivais e encontros de teatro e performance (Bogotá, Los Angeles, Recife, São José do Rio Preto, Salvador, Rio de Janeiro, Curitiba, Florianópolis, entre outros). Em 2007 a companhia foi selecionada pelo Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo com o projeto **TEATRO/MERCADORIA – ESPETÁCULO E MISÉRIA SIMBÓLICA**, que incluiu apresentações teatrais, oficinas, debates e a realização de dois eventos multiculturais (“festa & ideias”).

Ainda em 2007 a *KIWI COMPANHIA DE TEATRO* foi convidada pelo SESC São Paulo para mostrar parte do seu repertório na *Mostra Sesc de Artes*. As atividades incluíram três peças e três processos de trabalho, seguidos de debates. Em 2008 a *COMPANHIA* representou o Brasil no *Seminário Internacional de Performance e Feminismo Actions of Transfer – Women’s performance in the Americas*, organizado pela Universidade da Califórnia (UCLA), Estados Unidos. O grupo produziu, em parceria com As Atuadoras, o documentário *Actions of transfer – O olhar brasileiro*, com apoio institucional da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres do Governo Federal.

Em agosto de 2009 a *KIWI COMPANHIA DE TEATRO* apresentou em Bogotá (Colômbia) a performance **CARNE – HISTÓRIAS EM PEDAÇOS** no 7º *Encuentro Ciudadanias en Cena*, organizado pelo Instituto Hemisférico de Performance y Política.

Em 2010 a companhia foi mais uma vez selecionada pelo Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo, agora com o projeto **CARNE – PATRIARCADO E CAPITALISMO**, que se estendeu até setembro de 2011. Este projeto incluiu apresentações teatrais, oficinas, debates, ciclo de filmes, intervenções urbanas e a realização de dois eventos multiartísticos (“festa & ideias”). Em 2011 o grupo foi contemplado com o Prêmio Myriam Muniz (MINC/FUNARTE) para apresentar o trabalho cênico **CARNE** no Estado do Pará (Belém e Marabá) e no interior de São Paulo.

Em 2012 a *COMPANHIA* iniciou o projeto **MORRO COMO UM PAÍS – A EXCEÇÃO E A REGRA**, apoiado pelo Programa de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo. No ano seguinte, este trabalho resultou em diversas atividades, incluindo uma temporada de dois meses.



Em 2013 a *COMPANHIA* recebeu dois prêmios nacionais (Myriam Muniz e Marcos da Memória), permitindo a realização de uma temporada do projeto **MORRO COMO UM PAÍS** pelo Ceará, Paraíba, Distrito Federal e Rio de Janeiro.

Nos primeiros meses de 2014, o grupo ganhou dois editais (PROAC do Estado de São Paulo e Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo) e Fernanda Azevedo recebeu o Prêmio Shell de melhor atriz por seu trabalho em **MORRO COMO UM PAÍS**. No segundo semestre a *COMPANHIA* foi selecionada para o *Circuito Cultural Paulista*, circulando por oito cidades do interior do Estado com o trabalho **CARNE**.

No primeiro semestre de 2015 o grupo desenvolveu o projeto **MANUAL DE AUTODEFESA INTELECTUAL**, que incluiu diversas atividades, estreou no SESC Belenzinho e fez segunda temporada no Galpão do Folias, em São Paulo. Em maio o grupo participou do *Circuito TUSP de Teatro* com a peça **CARNE** e, em junho, esteve em Porto Velho (RO), a convite do Festival Tapiri, apresentando a intervenção **TRÊS METROS QUADRADOS**.

Sede da *KIVI COMPANHIA DE TEATRO*. São Paulo / SP.



MONTAGENS TEATRAIS

MANUAL DE AUTODEFESA INTELLECTUAL, roteiro de Fernando Kinas, 2015.

MORRO COMO UM PAÍS, textos de Dimitris Dimitriadis, Edward Bond, Maurício Rosencof, Alípio Freire e outros, 2013.

CARNE, textos de Michelle Perrot, Elfriede Jelinek e outros, 2007/2013.

TEATRO/MERCADORIA, textos de Guy Debord e outros, 2006/2008.

LINHA, de Israel Horovitz, 2006.

O BOM SELVAGEM, textos de Jean-Jacques Rousseau outros, 2006.

CASULO, de Fernando Kinas, 2006.

TITÂNIO, textos de Elizabeth Bishop, Pier Paolo Pasolini e outros, 2004.

MAUSER/MANIFESTO, textos de Heiner Müller e Karl Marx, 2002.

FRAGMENTO B3, textos de Samuel Beckett e Edward Bond, 2001.

OSMO, de Hilda Hilst, 2000.

TUDO O QUE VOCÊ SABE ESTÁ ERRADO, textos de René Descartes e outros, 2000/2001.

CARTA ABERTA, de Denis Guénoun, 1998/2007.

UM ARTISTA DA FOME, de Franz Kafka, 1998.

R, textos de Albert Einstein e outros, 1997.



LEITURAS DRAMÁTICAS E EXPERIÊNCIAS CÊNICAS

FOME (2015), a partir de Primo Levi, Bartolomé de las Casas e Mahmoud Darwish.

TRÊS METROS QUADRADOS (2013), a partir de Dimitris Dimitriadis.

OS AUTONAUTAS DA COSMOPISTA (2008), de Julio Cortázar.

ATENTADOS À SUA VIDA (2007), de Martin Crimp.

RUANDA (2007), roteiro e direção de Fabio Salvatti.

EU QUERO SER SUPERFICIAL (2005/2007), de Elfriede Jelinek.

UMA NOITE NO TEATRO (2002), de Michel Deutsch.

AUTO DA BARCA DE CAMIRI (2000), de Hilda Hilst.

FRAGMENTO PARA TEATRO II (2000), de Samuel Beckett.

KAFKA RINDO (1997), textos de Franz Kafka.



OBJETIVOS GERAIS DA KIVI COMPANHIA DE TEATRO

- Realizar montagens teatrais que coloquem em cena as reflexões elaboradas durante os períodos de estudo. Para isso é preciso criar espaços de análise e investigação permitindo que, através de processos criativos e de debates públicos, surjam obras artísticas (peças, intervenções de rua, leituras dramáticas).
- Estabelecer ou ampliar parcerias com organizações e movimentos populares e sociais.
- Organizar debates públicos, oficinas, publicações e seminários sobre os temas dos projetos desenvolvidos. Garantir a perenidade da pesquisa, isto é, a formação contínua do grupo e do público.
- Multiplicar as formas de interação com o público: oficinas, projeção de filmes, leituras dramáticas, rodas de conversa, favorecendo a criação de redes de participação e ação.
- Manter o respeito profissional, garantindo boas condições de trabalho e remuneração adequada dos envolvidos, praticando preços baixos ou a gratuidade das atividades.

[Martinho Lutero]

**QUEM QUISER SER CRISTÃO
DEVE ARRANCAR OS OLHOS DA RAZÃO.**



CURRÍCULOS DA EQUIPE ARTÍSTICA

Fernando Kinas – diretor e pesquisador teatral

Doutor em Estudos Teatrais, 2006/2010. Sorbonne Nouvelle, Paris 3 e USP.

Direção teatral

- **MORRO COMO UM PAÍS** (2013), a partir de textos de Dimitris Dimitriadis e outro(a)s autore(a)s.
- **CARNE** (2010/2013), a partir de textos de Elfriede Jelinek, Michelle Perrot e outro(a)s autore(a)s.
- **TEATRO/MERCADORIA** (2006/2008), textos de Guy Debord e outros autores.
- **FEBRE** (2008), roteiro de Fernando Kinas a partir de textos de Valêncio Xavier.
- **CASULO** (2006), de Fernando Kinas (integrando a montagem de Sob a influência).
- **O BOM SELVAGEM** (2006), textos de Jean-Jacques Rousseau e outros autores.
- **LINHA** (2006), de Israel Horovitz.
- **TITÂNIO [INTERVENÇÃO TEATRAL EM TRÊS MOVIMENTOS]** (2004), textos de Elizabeth Bishop, Hilda Hilst, Pier Paolo Pasolini e Fernando Kinas.
- **MULHERES DE NELSON [EXPERIMENTAÇÃO CÊNICA]** (2003/2006), a partir de Nelson Rodrigues.
- **O MURO DE BERLIM NUNCA EXISTIU** (2003), de Luis Vidal Giorgi. Teatro Promíscuo/ SESI SP.
- **MAUSER/MANIFESTO** (2002), textos de Heiner Müller e Karl Marx.
- **FRAGMENTO B3** (2001), de Samuel Beckett e Edward Bond.
- **TUDO O QUE VOCÊ SABE ESTÁ ERRADO** (2000/2001), textos de René Descartes, Shakespeare, Büchner, Augusto dos Anjos e Fernando Kinas.
- **CARTA ABERTA** (1998/2007), de Denis Guénoun.
- **UM ARTISTA DA FOME** (1998), de Franz Kafka.
- **R** (1997), de Fernando Kinas.

Outras atividades teatrais

- Participação no Atelier sobre o teatro russo, Marly-le-Roi, França (1996), ministrado por Serguei Issaiev, Nicolai Karpov e Patrice Pavis.
- Direção das leituras dramáticas *Kafka rindo* (1997), textos de Kafka; *Fragmento para teatro II* (2000), de Samuel Beckett; *Osmo e Auto da barca de Camiri* (2000), ambos de Hilda Hilst (São Paulo e Curitiba); *Indo embora* (2001), de Fernando Kinas; *Uma noite no teatro* (2002), de Michel Deutsch (São Paulo); *Eu quero ser superficial* (2005), de Elfriede Jelinek (Curitiba e Rio de Janeiro).
- Tradutor de *Na solidão dos campos de algodão*, de Bernard-Marie Koltès; *Ele não é meu filho*, de Philippe Gaulier (direção de Beth Lopes, 2002); *Carta ao diretor de teatro*, de Denis Guénoun (direção do tradutor, 1998); *Woyzeck*, de Georg Büchner (direção de Edson Bueno, 1999); **UM ARTISTA DA FOME** (direção do tradutor, 1998), de Franz Kafka.
- Júri da comissão julgadora da Lei de Fomento ao Teatro Para a Cidade de São Paulo (edições de janeiro e junho de 2004).
- Curador dos Ciclos de Leituras Dramáticas, Fundação Teatro Guaíra (2005/2006).

Atividades pedagógicas



- Professor nos cursos de cinema e RTV da Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP/ São Paulo (2002/2006).
- Conselheiro da *Temporada de Teatro Francês Contemporâneo* (2001/2003), Consulado da França em São Paulo. Professor de Pós-graduação em Teatro (Faculdade de Artes do Paraná, 2000).
- Ministrante de oficinas e palestras sobre teatro russo, teatro contemporâneo e sobre a obra de Bertolt (Universidade Federal do Paraná, Universidade Católica de Curitiba, Universidade Federal de Santa Catarina, Faculdade de Artes do Paraná).

Principais publicações (artigos e ensaios)

- *Teatro, verdade e poder*. Revista aParte XXI, nº 6, 2013. USP, São Paulo.
- *O gosto pelo real no teatro contemporâneo*. Revista Sala Preta, nº 13, 2013. USP, São Paulo.
- *Transições e permanências*. Revista Cena, nº 11, 2012. UFRGS, Porto Alegre.
- *Fatzer e o espectro*. Revista Urdimento, nº 18, 2012. UDESC, Florianópolis.
- *Deuses, homens e política*. Revista Teorema, nº 18, 2011. Porto Alegre.
- *Notas sobre a mimese*. Revista Rumores, edição 10, nº 1, ano 5, Universidade de São Paulo, 2011.
- *O teatro à medida do seu tempo*. Revista do Festival Internacional de Teatro de São José do Rio Preto, 2008.
- *Sobre reinos e cavalos*. Revista Bravo!, maio 2006. São Paulo.
- *Carta aberta*. Revista Sala Preta, nº 5, USP, 2005.
- *Teatro do mundo*. Prefácio para Hamlet, São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2004.
- *Entre o risco e a Disneylândia*. Revista Bravo!, outubro de 2003. São Paulo.
- *As formas híbridas*. Revista Bravo!, dezembro de 2001. São Paulo.
- *O camelo e a ovelha*. Revista Bravo!, junho de 2001. São Paulo.
- *Eis a questão de Hamlet*. Revista Bravo!, dezembro de 2000. São Paulo.
- *A arte de potencial político* (entrevista). Revista Teoria e Debate, fevereiro de 2001. São Paulo.
- *A inquietação vital*. Revista Bravo!, outubro de 2000. São Paulo.
- *Memória pop*. Revista Bravo!, julho de 2000. São Paulo.
- *Cenas paralelas*. Revista Bravo!, junho de 2000. São Paulo.
- *Experiências ao sul do Tâmis*. Jornal Gazeta do Povo, 14 de maio de 2000. Curitiba.
- *A utilidade da ira*. Revista Quixote, novembro de 1999. Curitiba.
- *Outono de um festival*. Revista Bravo!, novembro de 1999. São Paulo.
- *Os tambores do Soleil*. Revista Bravo!, outubro de 1999. São Paulo.
- *Teatro e política em tempos de crise* (2ª versão). Revista Vintém, nº 1, fevereiro de 1998. São Paulo.
- *Um revolucionário recebe o nobel*. Jornal Em Tempo, fevereiro de 1998. São Paulo.
- *Brecht em tempos de crise*. Jornal Em Tempo, novembro de 1997. São Paulo.
- *Autor escreve com o espírito da renovação* (entrevista). Estado de S. Paulo, 31 de janeiro de 1996.

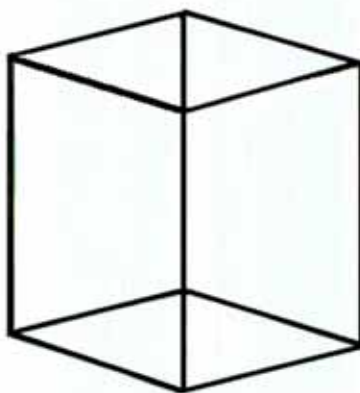


Luiz Nunes – ator, diretor teatral e produtor

Iniciou sua formação através do Curso de Formação de Atores do TUCA – Teatro da Universidade Católica de São Paulo (PUC), participou de várias oficinas e cursos, entre eles o CPT (Antunes Filho), Oficina de Interpretação para Atores (Lee Breuer – diretor do Grupo Mabu Mines, de New York), Teatro Físico (Grupo Antagon – Alemanha). Ministrou aulas no curso de Formação de atores do TUCA no período de 1994 a 1997. Durante esse período dirigiu vários espetáculos de conclusão de curso com alunos das oficinas. Contratado como assessor para a Linguagem Teatral pelo Departamento de Cultura de Diadema, ministrou oficinas (Interpretação e história do Teatro) para grupos amadores, num projeto de criação e fortalecimento de grupos teatrais, organizou o projeto de formação teatral na cidade e a 1ª *Mostra de Teatro de Grupos de Diadema* durante o mês de abril de 1999. Fez parte do grupo de trabalho que idealizou e produziu o 1º *Circuito Teatral do Grande ABC*, representando a Prefeitura de Diadema. Como ator trabalhou em vários espetáculos, entre eles “Lusíadas or not Lusíadas”, de Braulio Mantovani e Luiz Cabral, “Macbeth”, de Shakespeare e “Filoctetes”, de Sófocles.

Como diretor realizou diversas montagens com alunos dos cursos de Teatro do TUCA e das oficinas de teatro de Diadema. O espetáculo “O Genro de Muitas Sogra”, de Arthur de Azevedo, montagem do grupo “Jovens Atores” de Diadema rendeu ao grupo os prêmios de melhor espetáculo, melhor ator, melhor atriz, melhor cenografia, melhor figurino e para Luiz Nunes o prêmio de melhor diretor no *Mapa Cultural Paulista* e no *Festival de Teatro da Universidade São Francisco*, em 1999.

Como produtor foi responsável pela produção do programa *Dramaturgias*, do Centro Cultural Banco do Brasil (2002 a 2004) e da *Mostra SESI de Dramaturgia Contemporânea*. Produziu os espetáculos *Borghí em revista*, com o ator Renato Borghí no Centro Cultural Banco do Brasil, *Credores*, no SESC Anchieta, *Arsênico e alfazema*, no Centro Cultural Banco do Brasil. Foi o coordenador geral do programa *Cronicamente viável*, do Centro Cultural Banco do Brasil/SP, que desde 2006 realiza encontros e debates para discutir a Crônica Brasileira. Em 2007/2008 produziu a *KIWI COMPANHIA DE TEATRO*, ganhadora do prêmio de Fomento ao Teatro Para a Cidade de São Paulo, com leituras dramáticas e debates no SESC Anchieta/SP e apresentações do espetáculo *TEATRO/MERCADORIA #1* no Teatro Fábrica São Paulo. Desde então integra esta *COMPANHIA*, participando de todos os seus projetos.





Daniela Embón – produtora

Daniela Embón é formada em Ciências Sociais na PUC-SP. Trabalha com produção de eventos culturais e sociais e coordenação executiva de projetos (Elaboração de projetos, tradução, organização de seminários e eventos). Faz filmagens, castings, produziu o documentário *Panorama – Arte na periferia* e o curta de ficção *Amanhã talvez*, baseado no conto de Sérgio Vaz.

Em 2009 atuou em *Aguáh, o espírito das águas*, projeto da Secretaria de Estado do Meio Ambiente. É produtora do curta *Saraus* e da *Expedición Donde Miras* e coordenadora técnica do Ponto de Cultura Morarte, do Sarau do Binho, aprovado para 2009-2012. Como integrante do Coletivo Arte na Periferia, foi responsável pela criação do filme documentário *Carne – patriarado e capitalismo*, sobre o projeto artístico de mesmo nome da KIWI COMPANHIA DE TEATRO.

Desde 2012 integra o núcleo da KIWI COMPANHIA DE TEATRO se dedicando, prioritariamente, ao trabalho de assistência de produção e administração dos projetos da COMPANHIA, além de fazer parte da equipe de curadoria do evento multiartístico *Festa & Ideias*.



Fernanda Azevedo – atriz e arte-educadora

Formação Acadêmica

- Bacharelado em Artes Cênicas. Instituição: UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 1999.
- Educação Artística. Licenciatura e habilitação Artes Cênicas: Faculdade Paulista de Artes, 2007.
- *Arts du Spectacle*. Université Paris 10 – Nanterre, 2009.
- Bolsista do CNPq para o projeto de extensão *Teatro épico em Nelson Rodrigues*, dirigido pelo professor dr Luiz Arthur Nunes. UNIRIO, 1997.

Atividades profissionais

Atriz, integrante da *KIWI COMPANHIA DE TEATRO* desde 2006, com sede em São Paulo. Integrou a diretoria da Cooperativa Paulista de Teatro – gestão 2011-2013. Arte-educadora desde 1998.

Últimos trabalhos em teatro

- **MORRO COMO UM PAÍS**, a partir de textos de Dimitris Dimitriadis e outro(a)s autore(a)s. 2013.
- *Internacional*, a partir de texto de Luiz Fernando Veríssimo. 2013.
- **TRÊS METROS QUADRADOS**, a partir de depoimentos de ex-presos políticos. 2013.
- **CARNE**, a partir de textos de Elfriede Jelinek e outras. *KIWI COMPANHIA DE TEATRO*. Direção de Fernando Kinas. 2010/2013.
- **TEATRO/MERCADORIA #1**, à partir de textos de Guy Debord, Walter Benjamin, Theodor Adorno, Ernst Bloch, Pier Paolo Pasolini, Bertolt Brecht, entre outros. *KIWI COMPANHIA DE TEATRO*. Direção e roteiro de Fernando Kinas. 2006/2008.
- **“EU QUERO SER SUPERFICIAL”** (leitura dramática), textos de Elfriede Jelinek. *KIWI COMPANHIA DE TEATRO*. Direção de Fernando Kinas. 2006/2008.
- **ATENTADOS A SUA VIDA** (leitura dramática), de Martin Crimp. *KIWI COMPANHIA DE TEATRO*. Direção de Fernando Kinas. 2008.
- *Pocilga*, texto de Pier Paolo Pasolini. Direção de Alessandra Vannucci. 2006.

Prêmio Shell de melhor atriz (2014) por **MORRO COMO UM PAÍS**.

Experiência em arte-educação e mídia-educação

- Ministrou a oficina *As mulheres e os silêncios da História* no Projeto de Fomento ao Teatro da *KIWI COMPANHIA DE TEATRO*: **CARNE – PATRIARCADO E CAPITALISMO** em São Paulo e nas cidades de Belém e Marabá, pelo Prêmio FUNARTE/Myriam Muniz – 2010/11.
- Artista orientadora do Programa Vocacional de Teatro, São Paulo. 2010.
- Ministrou a oficina *Teatro, arte e mercadoria* no espaço Ação Educativa e no Centro Cultural Paidéia, São Paulo – 2008.
- Participou da elaboração e realização do evento *Conhecimento e culturas livres – disputas, práticas e idéias*, São Paulo e Fortaleza – 2007. Patrocínio MINC-Petrobrás (programa Cultura e Pensamento). Realização: Coletivo Epidemia e Ação Educativa. 2008.
- Apresentação do programa educativo *Nós da escola*, da MULTIRIO – TV Bandeirantes Rio, Canal 14 da NET Rio, TV Câmara – 2006 e 2007.





Vicente Latorre – ator e arte-educador

Formação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP) bacharelado em Ciências Sociais. cursou, como aluno especial, algumas matérias no mestrado da Escola de Comunicações e Artes da USP na área de Teatro-Educação.

Cursos e Especialização

- Oficina *O texto literário e a improvisação* com Anatoli Vassiliev (assistência de Natacha Isaeva) dentro das atividades do ECUM – Centro Internacional de Pesquisa sobre a Formação em Artes Cênicas. 2010.
- Workshop *Improvisação teatral* ministrado pelo ator e diretor canadense Frank Totino. 2010. Curso *A arte do Brincante para educadores* ministrado por vários artistas e pedagogos ligados à arte popular entre eles Antônio Nóbrega. 2010.
- *Aspectos do teatro dialético de Bertolt Brecht*, ministrado pelo prof. dr Sérgio de Carvalho. 2009.
- *Teatralidades contemporâneas*, ministrado pela prof^a dr^a Sílvia Fernandes da Silva Telesi. 2006.
- *Teoria e prática da peça didática de Bertolt Brecht*, ministrado por Ingrid Dormien Koudela USP. 2004.
- *Pedagogia do espectador*, ministrado pelo prof. dr Flávio Desgranges / ECA/USP. 2003.
- Oficina *Teatro francês contemporâneo*, ministrada por Michel Deutsch, filósofo, dramaturgo e diretor teatral criador do Teatro do Cotidiano. 2002.

Atividades Pedagógicas e de Pesquisa

Desde 2000 exerce a função de professor e coordenador do Núcleo de Teatro do Colégio Santa Cruz para o Ensino Médio. Artista orientador do projeto Teatro Vocacional da Prefeitura do Município de São Paulo em 2013. Orientador no Projeto Ademar Guerra no ano de 2012. Ministrou *workshops* nos seguintes festivais no ano de 2012: 27º Festival; XIX Festival Nacional de Teatro de Presidente Prudente; Festival de Teatro de Araçatuba; artista orientador do projeto Teatro Vocacional da Prefeitura do Município de São Paulo entre os anos de 2004 e 2010. Durante o ano de 2003 foi professor de Interpretação Teatral da Oficina de Atores Nilton Travesso





Professor de teatro do Colégio São Francisco – 1999 a 2000. Professor de História Geral do Colégio Equipe para Ginásio e Colegial nos anos de 1985 a 1987. Pesquisador na área de Sociologia da Saúde junto ao Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde nos anos de 1986 a 1988.

Últimos trabalhos como ator

- *Oxigênio* – Carl Digerass. 2006. Direção: Sílvio Zylber. Teatro Ruth Escobar – São Paulo; SESC Copacabana – Rio de Janeiro.
- *Mais um*. 2005. Direção: Ana Roxo. Centro Cultural São Paulo. Mostra da Companhia dos Dramaturgos.
- *O beijo no asfalto*. 2003. Direção: Marco Antonio Brás. Casa nº 1 / sede do Teatro da Vertigem. Prêmio APCA / melhor direção.
- *Geração Trianon* – Anamaria Nunes. 2002. Direção: Marco Antonio Brás. Projeto Formação de Público. Teatro João Caetano.
- *Beijo no asfalto* – Nelson Rodrigues. 2002. Direção: Marco Antonio Brás. TBC – Sala Repertório.
- *Geração Trianon* – Anamaria Nunes. 2001. Direção: Marco Antonio Brás. Projeto Formação de Público. Teatro João Caetano.
- *Ensaio sobre o latão*. 1997/1999. Direção: Sérgio de Carvalho e Márcio Marciano. Centro Cultural São Paulo; 31º FILO; 4º Festival Nacional de Arte de João Pessoa; 1º Festival Nacional do Recife / Teatro da Praça; Mostra SESC Consolação, etc.
- *Santa Joana dos matadouros*. 1999. Direção: Sérgio de Carvalho e Márcio Marciano. Centro Cultural São Paulo; Teatro João Caetano; 7º Festival de Teatro de Curitiba; 31º FILO; 4º Festival Nacional de Arte de João Pessoa.
- *Tributo a Wilhelm Reich*. 1999. Direção: Vicente Latorre. XII Jornada Reich – Instituto Sedes Sapientiae.
- *Eu Feuerbach* – Tankred Dorst. 1996. Direção: Zdzislaw Hejduk – Teatr 77 / Polônia.
- *Stowarzyszenie Teatralne* – Varsóvia; Teatr 77 – Łódz.
- *Emma, Essays* – baseado no conto “Emma Zunz”, de Jorge Luís Borges. 1996. Direção: Branko Brezovec – Croácia. VI FIAC – Festival Internacional de Artes Cênicas; Teatro Ruth Escobar – Sala Dina Sfat.



Maria Carolina Dressler – atriz, arte-educadora e produtora cultural

Em 2013 atuou no espetáculo *Monga* do In Bocca al Lupo Criações e paralelamente em *Estrada do sul* inspirado na obra de Julio Cortázar, com direção de Pietro Floridia a convite do Grupo XIX de Teatro e do Teatro Dell'Argine de Bologna. Ministrou aulas de teatro no colégio Mackenzie. Atualmente está em processo do espetáculo *Frida Mestiça*.

Em 2012 atuou no espetáculo *Il Castello*, de Franz Kafka com direção Pietro Floridia em parceria com grupo Teatro Dell'Argine (Bologna) e Grupo XIX de Teatro (São Paulo). Atuou no projeto *Três movimentos* da Cia Ocamorana de Teatro.

Pesquisadora da obra do cineasta Marco Ferreri, realizou estudo a convite de artistas e instituições italianas (Centro Sperimentale Cinema-Roma, Universidade de Verona, Museo Nazionale del Cinema, Escritor Alberto Scandola, cineasta Mario Canale).

Em 2011/2012 fez assistência de direção na montagem do espetáculo *Segredo entre mulheres* (direção de Flávio Faustinoni). Produziu os documentários *Ensaio aberto* (MP Mídia e Cooperativa paulista de Teatro) e *Vidas Ocultas* (direção de Edson Costa), além do livro *Das margens e bordas* da Cia Estável de Teatro. Em 2010, atuou e assinou a preparação corporal da montagem da peça *Hoje tem Mazzaropi*, de Mario Viana com direção de Hugo Coelho.

Integrou a Cia Estável de Teatro como atriz e produtora nos espetáculos *Homem cavalo & sociedade anônima*, direção Andressa Ferrarezi (2008); *O auto do circo*, de Luis Alberto de Abreu, direção Renata Zhaneta (2004); *Incrível viagem*, de Doc Comparato, direção Renata Zhaneta (2003); *Quem casa quer casa*, de Martin Penna, direção Nei Gomes (2003); *Gira!*, dramaturgia coletiva, direção de Nei Gomes (2002), *Ainda não*, dramaturgia e direção coletiva (2007); e *Flávio Império uma celebração da vida*, de Reinaldo Maia, direção Renata Zhaneta (2002). Participou ainda das montagens de *Bodas de sangue*, de Federico Garcia Lorca, direção Seme Lufti; *Meia sola*, de Benê Rodrigues; direção Alexandre Dressler; *Acorda cordel*, Cia do Sol; direção Flavio Faustinoni, entre outros.

Possui formação de atriz pela Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Licenciada e bacharelada em Educação Física pela Universidade Paulista, onde iniciou pesquisa de indução proprioceptiva na preparação corporal de atores. Coursou também *ballet* clássico pelo Royal Academy of Dance, dança moderna, técnicas circenses, dança de rua, dança de salão, *clown*, sapateado, contato improvisação, canto e musicalização, locução e outros. Também assina a preparação corporal de espetáculos da Cia Estável de Teatro, Trupe do Trapo, Trimetraco. Atuou em vídeos institucionais, filmes curta metragem e publicitários e ministrando aulas de teatro e corpo. Produziu o *Prêmio Qualidade Brasil em Cinema, TV, Música e Teatro* nas edições de 2000 a 2009.





Maíra Chasseraux – atriz

Formação

- Teatro-Escola Célia Helena (2001)
- Comunicação e Artes do Corpo – PUC (2000-2005)

Peças

- *Festival do minuto dos Parlapatões*, autores diversos, direção Roney Facchini, Pedro Granato, Claudiney Brandao, Kleber Montanheiro, Marco Loureiro, André Garolli.
- *A meia hora de Abelardo*, de Hugo Possolo, direção Henrique Stroeter.
- *Romance*, de Vera de Sá, direção Márcia Abujanra.
- *Brutal*, de Mário Bortolotto, direção Jairo Mattos.
- *A frente fria que a chuva traz*, de Mário Bortolotto, direção Mário Bortolotto.
- *Amor de improviso*, criação da Cia Elevador de Teatro Panorâmico, direção Marcelo Lazzarato.
- *Os que têm hora marcada*, de Elias Canetti, direção Néelson Baskerville.
- *A hora em que não sabíamos nada uns dos outros*, de Peter Handke, direção Marcelo Lazzarato.
- *A Ilha Desconhecida*, de José Saramago, direção Marcelo Lazzarato.
- *A Maratona Mundial de Dança*, adaptação de Alexandre Matte, direção Marcelo Lazzarato.
- *Uma peça por outra*, de Jean Tadieu, direção Marcelo Lazzarato.

TV

- Participação em dois episódios de *Retrato falado*, direção Luiz Villaça.

Cinema

- *O palhaço*, longa de Selton Melo.
- *Augustas*, longa de Francisco César Filho
- *A guerra de Arturo*, curta de Júlio Taubkin.
- *Onde andaré Dulce Veiga?*, longa de Guilherme de Almeida Prado.



Elaine Giacomelli – musicista

Bacharel em Música pela Universidade de São Paulo, esta pianista, natural de Piracicaba, especializou-se em compositores brasileiros como Villa Lobos, Osvaldo Lacerda, Camargo Guarnieri e outros. Estudou MPB e *jazz* com Paulo Braga (Tatuí), Silvia Góes, Giba Estevez (CLAM) e Harmonia com o prof. Claudio Leal.

Tornou-se uma musicista de extrema versatilidade e hoje atua tanto no meio erudito quanto popular como pianista, professora, arranjadora, regente e compositora.

No teatro, trabalhou como pianista com os diretores Gianni Ratto, José Rubens Chachá e com os maestros Abel Rocha e Miguel Briamonte.

Eduardo Contrera – músico

Percussionista e compositor com mais de vinte anos de experiência em diversos gêneros, notadamente o candomblé e o improviso.

Tocou com vários artistas e grupos, tais como: Osvaldinho do Acordeon, Sá e Guarabira, Rita Ribeiro, Mônica Salmaso, Aziza Mustapha Zadeh, Edson Cordeiro, Barre Phillips, Ballet da Cidade de São Paulo, Antonio Fagundes e Cia Estável de Repertório, Ponkan, Klaus Viana, Parlapatões, Pia Fraus e KIWI COMPANHIA DE TEATRO (TEATRO/MERCADORIA, CARNE e MORRO COMO UM PAÍS). Integrou, com os percussionistas Paraná e Guello, o Alaiandê, trio que desenvolveu uma linguagem contemporânea a partir dos ritmos afro-brasileiros.

Foi diretor musical do projeto de incentivo à leitura *Ler é uma viagem*.

Compôs e gravou o CD de música experimental *Umagoma*.

Atualmente tem um duo de improvisação com o violoncelista grego Dimos Goudaroulis.



Julio Dojcsar – grafiteiro e cenógrafo

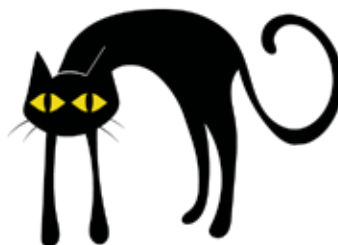
Desenvolve seu trabalho com base em intervenções urbanas e seus desdobramentos em outras mídias (teatro, vídeo e instalações). Integrante do coletivo de arte casadalapa, co-criador do projeto Enquadro. Atualmente em parceria com o Coletivo Negro esta sendo desenvolvido a pesquisa do *Homem comum* sua representação urbana, contemplada pelo Programa de Fomento ao Teatro Para a Cidade de São Paulo. Parceiro da Cia São Jorge de Variedades, integrou a representação brasileira na Quadrienal de cenografia de Praga com o projeto *Barafonda* e *O santo guerreiro e o herói desajustado*, exposição esta que já circulou na Inglaterra e agora representa o Brasil em Lisboa.

Prêmio Shell de melhor figurino 2008, parceria com Silvana Marcondes e Fernando Sato no espetáculo *O santo guerreiro e o herói desajustado*, da Cia São Jorge de Variedades.

Também é integrante do coletivo Frente 3 de Fevereiro, onde desenvolveu intervenções na *Copa da Cultura* em Berlim 2006, integrou o fórum de artes publicas em Johannesburgo – África do Sul 2008 realizando intervenção artística na tríplice fronteira África do Sul/Moçambique/Zimbábue, co-autor da trilogia *Zumbi somos nós*.

Concebeu e desenvolveu ao lado do estilista Jum Nakao a exposição *Revolver mon* – Curitiba 2008, parceria vinda dos desfiles do estilista no São Paulo Fashion Week. Onde foi desenvolvido o projeto *A costura do invisível*, reconhecido pelo Museu Galliera – França como um dos mais importantes desfiles da estória da moda mundial.

Foi um dos fundadores do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos onde foi diretor de arte por sete anos. Parceiro do grupo Pia Fraus desde 2009 com o espetáculo *Bichos do mundo*. Criação de bonecos e cenografia e do projeto *Buzum* desenvolvendo o conceito de espaço cenográfico. Divide a direção de arte do Grupo Treme Terra, atualmente com o espetáculo *Terreiro urbano*.



**TODOS OS GATOS SÃO MORTAIS.
SÓCRATES É MORTAL.
LOGO, SÓCRATES É UM GATO.**



Heloísa Passos – diretora e fotógrafa de cinema, iluminadora

Trabalha com cinema e fotografia desde o final dos anos 1980. Recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais, entre eles, melhor fotografia no Festival de Cinema do Rio 2009, melhor fotografia no Festival de Cinema de Gramado 2008, melhor cinematografia no Sundance Film Festival 2007 e melhor direção no Cine Ceará 2006. Fotografou a instalação *Ah, se tudo fosse sempre assim* para a 26ª Bienal de São Paulo. Em 2006 lançou o livro de fotografias *Desdobramento*. É membro da Associação Brasileira de Cinematografia.

Direção de fotografia – longa-metragem

- 2011 *Rânia*, de Roberta Marques
- 2011 *Deserto d'água*, de Heloisa Passos
- 2010 *Amor?*, de João Jardim
- 2010 *Como esquecer*, de Malu de Martino
- 2009 *Viajo porque preciso volto porque te amo*, de Karim Aïnouz e Marcelo Gomes
- 2009 *O amor segundo B. Schianberg*, de Beto Brant
- 2009 *Depois de ontem antes de amanhã*, de Chris Liu
- 2008 *KFZ 1348*, de Gabriel Mascaro e Marcelo Pedroso
- 2007 *Manda bala*, de Jason Kohn
- 2007 *Image a parole*, de Michel Favre
- 2006 *Mulheres do Brasil*, de Malu de Martino
- 2006 *Meninas*, de Sandra Werneck

Direção de fotografia – curta metragem

- 2010 *Estação*, de Márcia Faria, HD, 15 min.
- 2009 *O menino japonês*, de Caetano Gotardo, 35 mm, 18 min.
- 2008 *Mulher biônica*, de Armando Praça, 35 mm, 15 min.
- 2003 *Cartas da mãe*, de Fernando Kinas e Marina Willer, 35 mm, 28 min.
- 2003 *Visionários*, de Fernando Severo, 35 mm, 15 min.

Direção de filmes

- 2011 *Deserto d'água*, HD, 80 min.
- 2010 *Osório*, 35 mm, 12 min.
- 2006 *Caminho da escola Paraná*, vídeo, 54 min.
- 2005 *Viva volta*, 35 mm, 15 min.
- 2001 *Do tempo que eu comia pipoca*, 35 mm, 18 min.
- 1989 *M. Bakun*, vídeo, 18 min.

Prêmios

Melhor fotografia no Festival de Cinema do Rio 2009
Melhor cinematografia Cinema Eye Honor 2008
Melhor fotografia no 36º Festival de Cinema de Gramado 2008
Excelência em cinematografia Sundance Film Festival 2007
Melhor direção 16º Cine Ceará 2006



Clébio Souza – Iluminador e técnico de luz

Cursos técnicos

2013-2014 – Curso Técnico de Iluminação, SP Escola de Teatro, São Paulo.

2010 – Curso Técnico de Iluminação, SENAC São Paulo.

2009 – Curso Técnico de Iluminação para espetáculo CEET, São Paulo.

Experiências profissionais com iluminação

Espectáculos Teatrais: Cia Capulanas de Arte Negra no espetáculo *Solano Trindade e suas negras poesias* (2010-2012) e *Sangoma* (2013-2014), Grupo Girandolá no espetáculo *Arapyau – Liturgia do Povo Invisível* (2012-2013), KIWI COMPANHIA DE TEATRO com o espetáculo *Morro como um país* Temporada Nordeste – Fortaleza, Crato e João Pessoa (2014).

Espectáculos de Dança: espetáculo da Escola de Ballet Dança com Arte (2012-2013) e espetáculo *Bakô – A outra margem* de Luciana Ramos (2013), apresentado em São Paulo e Rio de Janeiro.

Shows: Banda Aláfia (2013-2014), Banda Kaoll (2014), Banda O Mandruvá (2013), Montagem de luz dos Shows de Ná Ozzetti, Sombrinha, Funk Brasil e Samba da Vela (SESC Osasco – 2014), Emicida (SESI Osasco – 2013). Além de participar de diversos festivais de música com o Mutirão Cultural Na Quebrada, Sinfonias de Cães, Perusferia, entre outros.

Exposição: criador da exposição *Retas inquietas* em parceria com o grafiteiro Leonardo Laci (2012), concepção e montagem de luz da exposição do artista plástico Rodrigo Bueno na Galeria Emma Thomas – SP (2013), montagem de luz no Ateliê Mata Adentro – SP (2014), montagem de luz da exposição *Narrativas poéticas* no Museu da Língua Portuguesa – SP (2014).

Cinema: montagem de luz do vídeo clipe *Semana* de Rael da Rima (2013), montagem de luz do filme *Invasores*, da TV Cultura (2013).

CONTATOS

KIWI COMPANHIA DE TEATRO

www.kiwiciadeteatro.com.br / kiwiciadeteatro@gmail.com

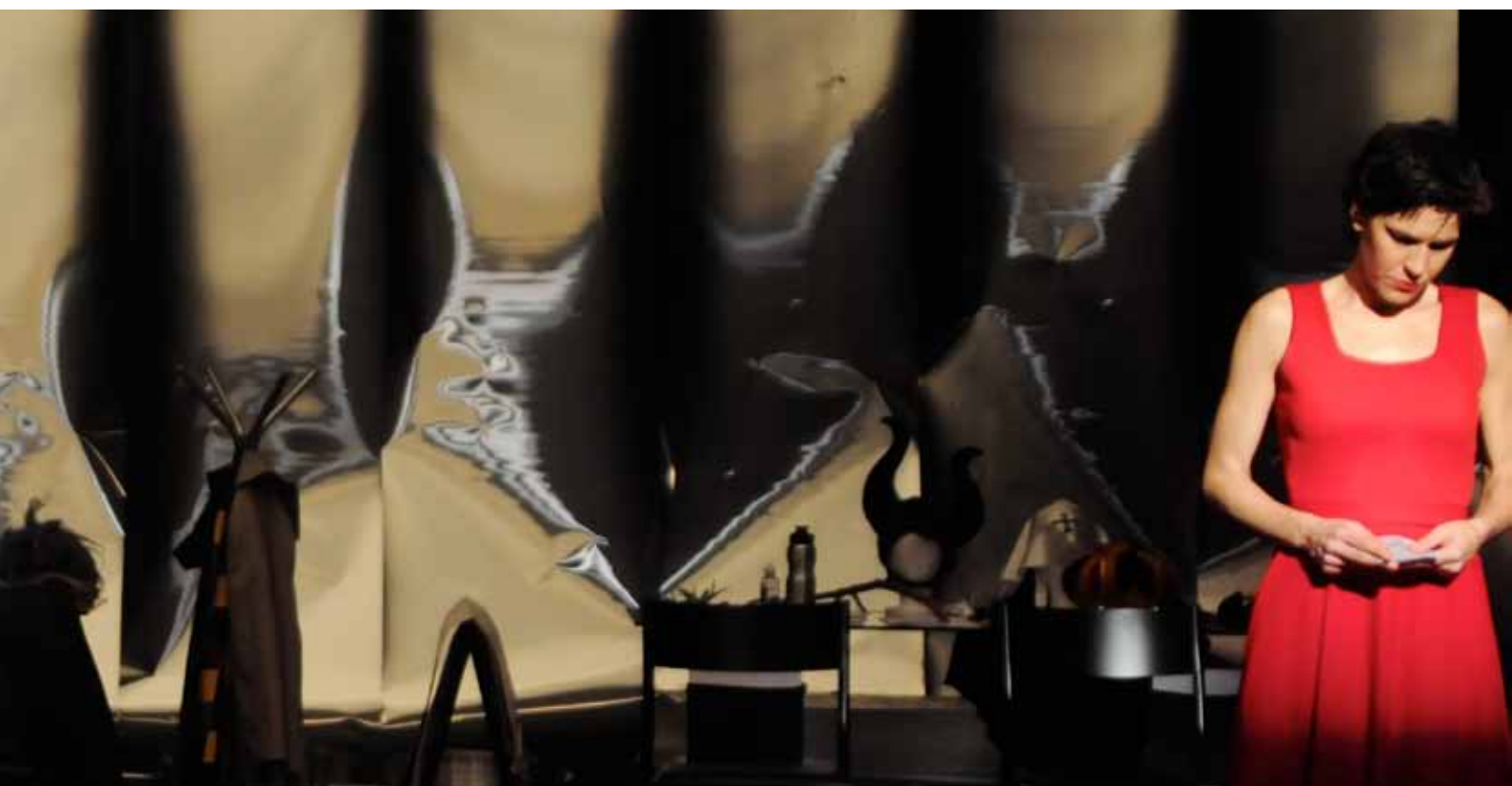
Rua Frederico Abranches, 189, Santa Cecília – São Paulo / SP.

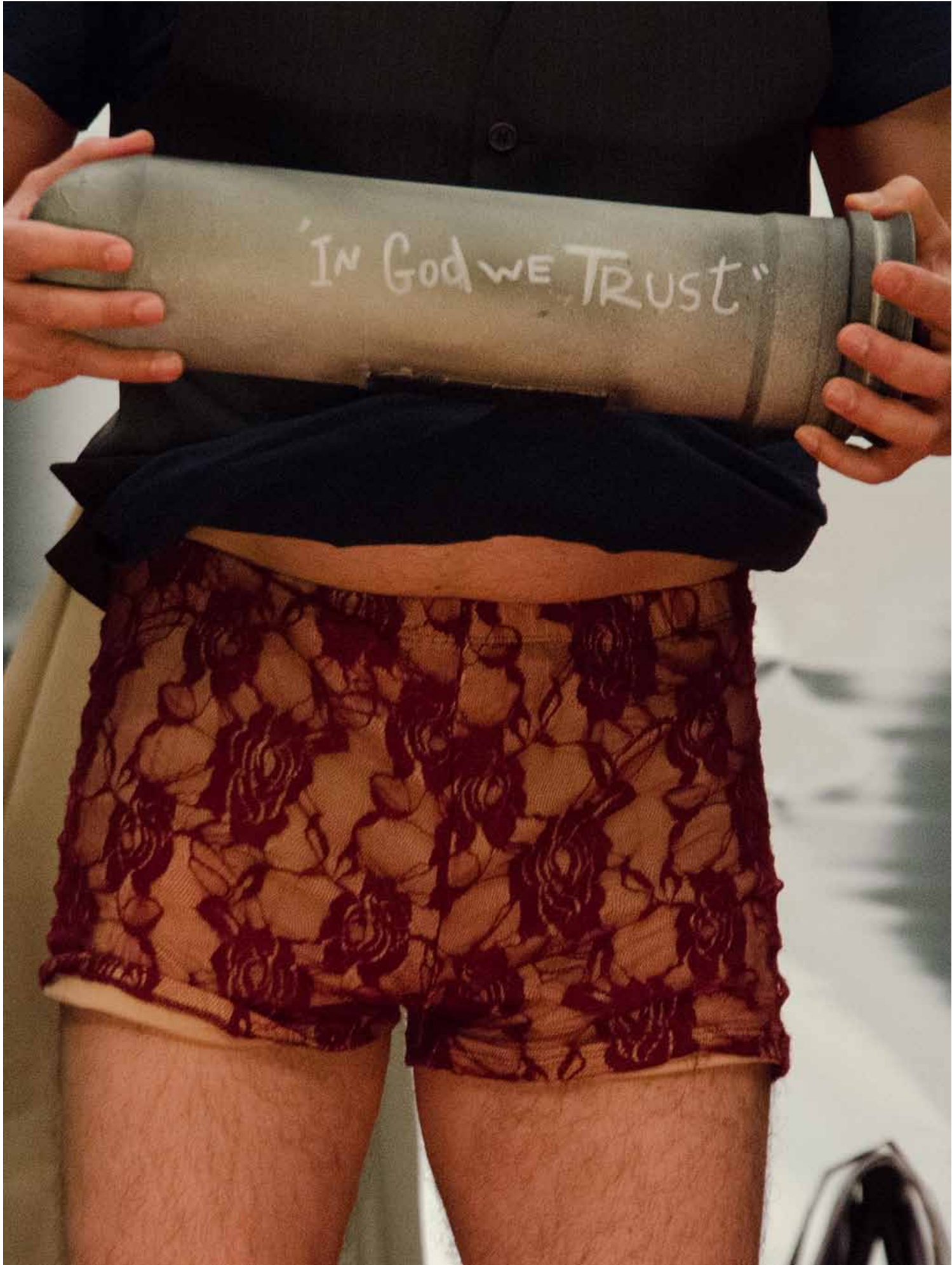
(11) 3337-4112 (sede) / (11) 97178-7843 / 97618-1690 / 98706-7471



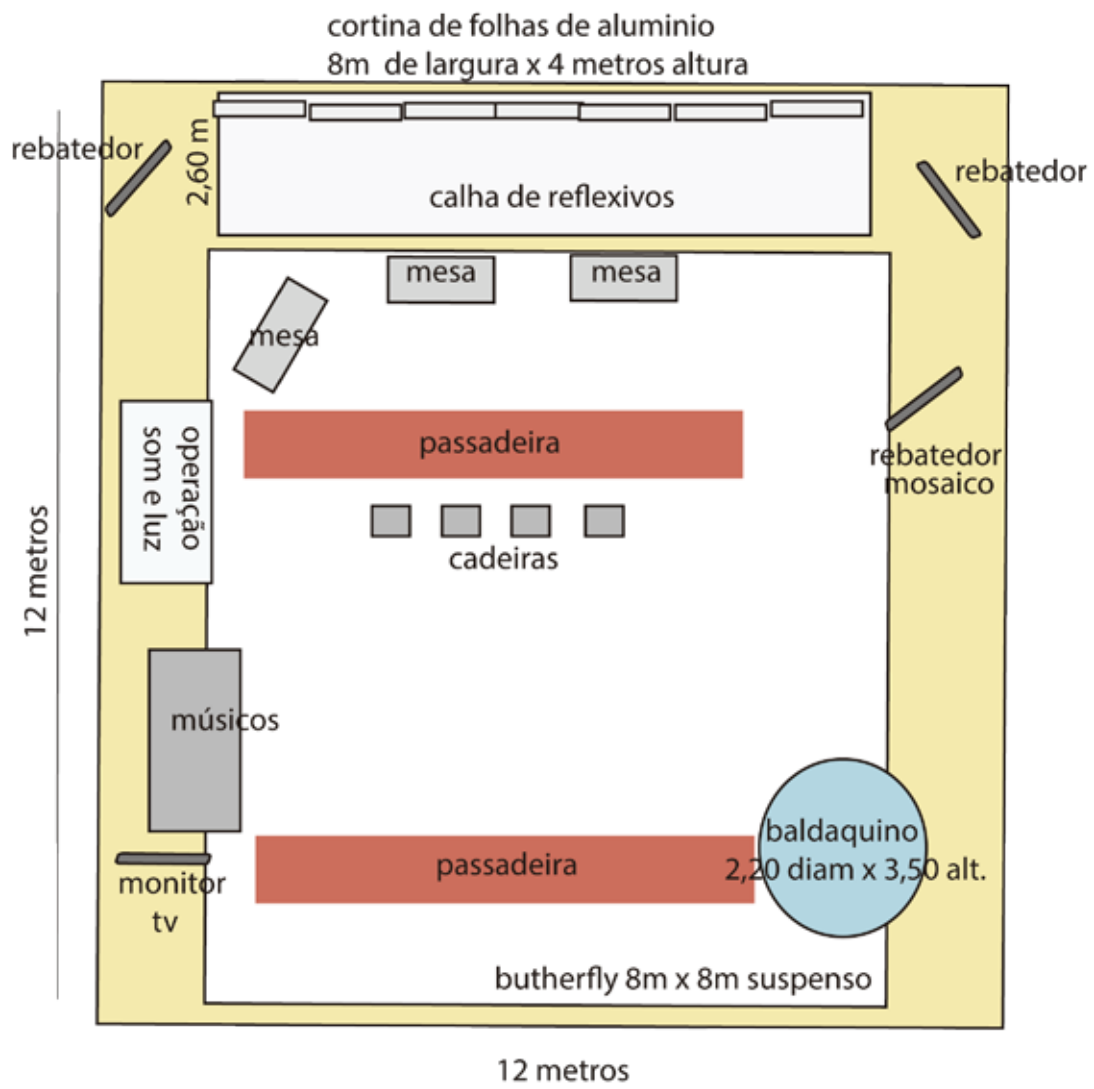
ÁLBUM DE FOTOS







MAPA DE PALCO



TEATRO Exposição em São Paulo abriga projeto paralelo que reúne, entre outros, Antônio Abujamra e Maria Alice Vergueiro
Peças e poemas de Hilda Hilst têm leitura dramática

VILHENA SANTOS
 PORTO ALEGRE

A exposição "Hilda Hilst - 70 Anos", que abre em dezembro no Sesi Pompéia, em São Paulo, mostra a partir de hoje um projeto paralelo com performances em alguns dramaturgos de peças, textos e poemas da autora.

"Trata-se de uma abordagem poética sobre um campo de concentração, onde um padre se dispõe a morrer no lugar de outros presos", afirma Aurélio, Hilda chegou a acompanhar esta leitura no palco no Unisocsp, em Guarulhos, e virou emocionada.

A autora sempre atuou em um sítio da região de Campinas, dedicada por décadas.



A escritora Hilda Hilst, 70, que é homenageada em projeto paralelo de exposição no Sesi Pompéia

PROGRAMAÇÃO

- 19h30 "De Morte, Odo Intermittent" e "Cartas Autobiográficas"
- 20h30 "O Vendedor"
- 21h15 "Passagem em Fronteira do Nosso Tempo", "Agêta" e "Madrugada"
- 22h15 "Hilst" e "Ouro"
- 23h15 "Acto de Deus da Casa"
- 24h15 "Sem de Deus"
- 25h15 "Hilst e o Paralelo"

Exposição Hilda Hilst - 70 Anos
 Quando se celebra aniversário de um performer, acontece uma festa, sempre às 21h, e mostra tudo em vídeo de 10h às 12h, das 18h às 21h, em 412 Delfino (Sesi Pompéia), Celso, 15.041-0001/11.001-7300
 Quando entra o teatro

recorte de jornal Osmo

Teatro Estréia:

Linha aborda disputa insana pelo primeiro lugar

Uma fila é palco de bizarra competição nessa peça de Israel Horowitz, sucesso no off-off-Broadway

Beth Néopol
 No palco, apenas uma linha branca demarcada no tablado de um ator. É investigada. Ele espera. Faz um lance, espera. É a primeira de uma futura fila. Pela manhã, chega o segundo. Começa assim o espetáculo *Linha*, texto de Israel Horowitz que se tornou fenômeno de longevidade nos palcos - desde 1974 está em cartaz no off-off-Broadway. A montagem brasileira estreia hoje, no N.Ex.T., sob direção de Fernando Kinas

e cinco atores da Cia. Kiwi. Desde o momento em que o segundo personagem chega, começa uma disputa pelo primeiro lugar. Ao fim, cinco deles entrariam nesse mesmo combate. Fila de emprego? Jogo de futebol? A peça não esclarece. Importa a competição. Segundo Kinas, que fez algumas interferências no original, a peça parte de uma ideia simples, mas o desenvolvimento é um tanto superficial. "O jogo é ambíguo, mas as construções psicológicas - a gestos que usa as armas da ne-

gação ou o gongolho (mas bota - fragilizam o texto", diz. "O que me parece importante é discutir a insanidade desse vale-tudo para ser o primeiro, algo que em nossa época é ainda mais atual do que na década de 60, quando a peça foi escrita." Para ampliar significados, entre outras coisas, Kinas abriu espaço para os atores assumirem a competição entre atores, intrínseca aos elementos. "É uma aposta. A cada noite eles podem improvisar a partir da ideia de 'volar a cena'. Há



COMBATE - Vão tudo para vencer

sempre o risco da sujeira, mas trabalhamos bastante para que isso se dê no jogo teatral." Daí que os nomes dos personagens foram escolhidos nos dois atores. Fleming, interpretado por Paulo Alves, o tal que chegou na véspera para garantir o primeiro lugar passa a ser Fleming Paulo. Moby, a sedutora, ganha também o nome da atriz, Chris Gomes. César Guirao, Lori Santos e Sérgio Pandá completam o elenco. Por mais interessante que seja, o texto tem por si só um

poter de comunicação muito grande, então costuma acontecer com as ideias simples e boas. Um sujeito luta para estar em primeiro lugar e vê um esparto, que chega mais tarde, desancado, tomar sua posição - quem não reconhece tal situação no País onde o 'rei de Geos' impregna o cotidiano? Claro que tal disputa, no palco, se simplifica e o público passa a se perguntar por que afinal é preciso ser o primeiro. Mas que isso, será que é preciso mesmo entrar na fila? Não perguntar que a companhia gostaria de ver ressoarem na plateia. ■

Horóscopo
 • **Linha**, 80 min. 14 anos. Teatro do N.Ex.T. (70 lug.), Rua Rio de Freitas, 454, Vila Buarque, 3106-9636, metrô República. 4.º e 5.º, 21 h. R\$ 20. Até 30/11

recorte de jornal Linha

CESP 01/11/2006

"Linha" questiona a competitividade

Peça do americano Israel Horowitz, dirigida por Fernando Kinas, expõe cenas de nonsense numa fila

DA REPORTAGEM LOCAL
 "É aqui a fila?"
 A primeira fala da peça "Linha" pode induzir o espectador de São Paulo à identificação. Afinal, estamos na cidade em que, como se diz, para tudo há que entrar numa fila. Tratando-se de um espetáculo dirigido por Fernando Kinas, porém, a identificação pode até ser sustentada, mas o será por meio de estranhamentos, de "incômodos", como prefere o diretor.
 "Linha", que estreia hoje no N.Ex.T., em São Paulo, foi escrita há quase 40 anos pelo judeu norte-americano Israel Horowitz (1939), pai de um dos integrantes da banda Beatle Boys. Está em cartaz desde 1974 no circuito off-off da Broadway.

Kinas assistiu a uma montagem em 1997, em Lisboa. Desde então, o diretor costuma a criação de um espetáculo com o seu núcleo de pesquisa, a Kiwi Companhia de Teatro, surgida em Curitiba há dez anos e radicada em SP. Quatro homens e uma mulher disputam entre si para ver quem vai ser o primeiro da fila. Não fica claro a que se destinam. A chegada de cada um, do sujeito que madruga ao que traz seu banquinho, surgem situações de nonsense.
 Kinas, 40, fala da proximidade de Horowitz nos anos 1960 com autores como Beckett e Ionesco. Chama sua atenção a circularidade das cenas, as possibilidades de desconstrução dos personagens e de uso da meta-

linguagem, o teatro dentro do teatro.
 Por exemplo: os nomes dos personagens carregam os prenomes dos respectivos intérpretes. Assim, Stephen César é representado pelo ator César Guirao. Completam o elenco Chris Gomes, Lori Santos, Paulo Alves e Sérgio Pandá.
Provocação
 Com margem para o improviso, eles exploram os limites espaciais impostos por uma linha branca no chão, acotovelamentos que chegam às raias das violências físicas e verbal, da dissimulação.
 "Não não estamos montando [convencionalmente] a peça de Horowitz, mas partindo de uma provocação, de uma ideia conti-

da no texto a da competição a qualquer custo", diz Kinas.
 Co-traduzido por ele e pelo assistente Fábio Salvetti, o texto vindo à luz nos EUA de 1967 sua premonição ao pisar terrenos espinhosos das sociedades globalizadas, como enumera o diretor: "A publicidade, o mercado, o cinismo, a mediocridade classe média, a ambição de ser o melhor e de se dar bem, a falta de solidariedade e de companheirismo, o isolamento induzido pelo individualismo", avalia Kinas.



O elenco da peça "Linha", que estreia nesta noite no N.Ex.T.

recorte de jornal Linha



O banquete da fome

Fernando Kinas faz de Kafka o melhor prato do dia

José Carlos Fernandes

A contar pela estreia de *Um Artista da Fome*, na meia-noite de quinta-feira, o Fringe vai mesmo mudar a cara do Festival de Teatro de Curitiba. O espetáculo dirigido pelo paranaense Fernando Kinas não decepcionou um avo a platéia mínima (possível) de cerca de 40 pessoas apinhadas no fosso do Teatro Guaíra. Espaço alternativo de cabo a rabo — uma espécie de subterrâneo da mais monumental sala da cidade — o local ganhou ainda mais significado logo que os primeiros estampidos sonoros prepararam a entrada do dueto de atores — Marisia Bruning e Clóvis Inoce. Foi ganho de causa instantâneo.

O texto de Franz Kafka, escrito em 1922, ganhou tradução do próprio Kinas, que num trabalho primoroso se revelou atento à musicalidade e à dicção do autor tcheco. Bruning e Inoce, de posse deste legado, transitaram pelo cenário de gradis, colunas e vigas de concreto com uma naturalidade notável, flagrante, trunfo que concorreu para avizinhar Kafka da platéia nos 60 minutos em que dura *Um Artista da Fome*. A fala precisa dos 'solistas' — pontuada por sugestivos toques de graça — em nenhum momento incorreu no fastio. Pelo contrário: o lado escondido do Guaíra serviu de palco para uma escola de

interpretação, capaz de seqüestrar pela palavra e de tirar proveito da linguagem contida e refinada do teatro de câmara.

A propriedade com que o texto de *Um Artista da Fome* chegou aos ouvidos do público não é coisa pouca — a contar pela estranheza do tema central — a ascensão e queda de um jejuador, e as diversas interpretações que esta situação pode sugerir. A claustrofobia e a perplexidade, sensações onipresentes à literatura de Kafka, tendem a instaurar um desconforto incômodo, próximo da ausência de ar ou da impossibilidade de sentir os pés no chão. Estes descaminhos a montagem conseguiu minorar sem contudo aniquilar-lhes a importância. No lugar da agonia frente as situações ditatoriais e injustificadas do cotidiano instalou-se um tom de familiaridade e leveza. Em boa hora.

São recursos mais do que oportunos. Embrenhar-se pelas tramas deste espetáculo não redundará em uma maratona intelectual frustrada ou abortada. Acima de qualquer arte a que esteja se referindo a peça — seja a da literatura ou a do próprio teatro — tudo se dá sob o signo do jejum, uma prática cada vez mais encarcerada no circuito religioso (ou nos spas de emagrecimento). Em *O Artista da Fome* ela se dá a conhecer, transformando a fome em 'lugar' da inquietação, da vida no limite e da consciência do corpo — porões escuros, mas nem por

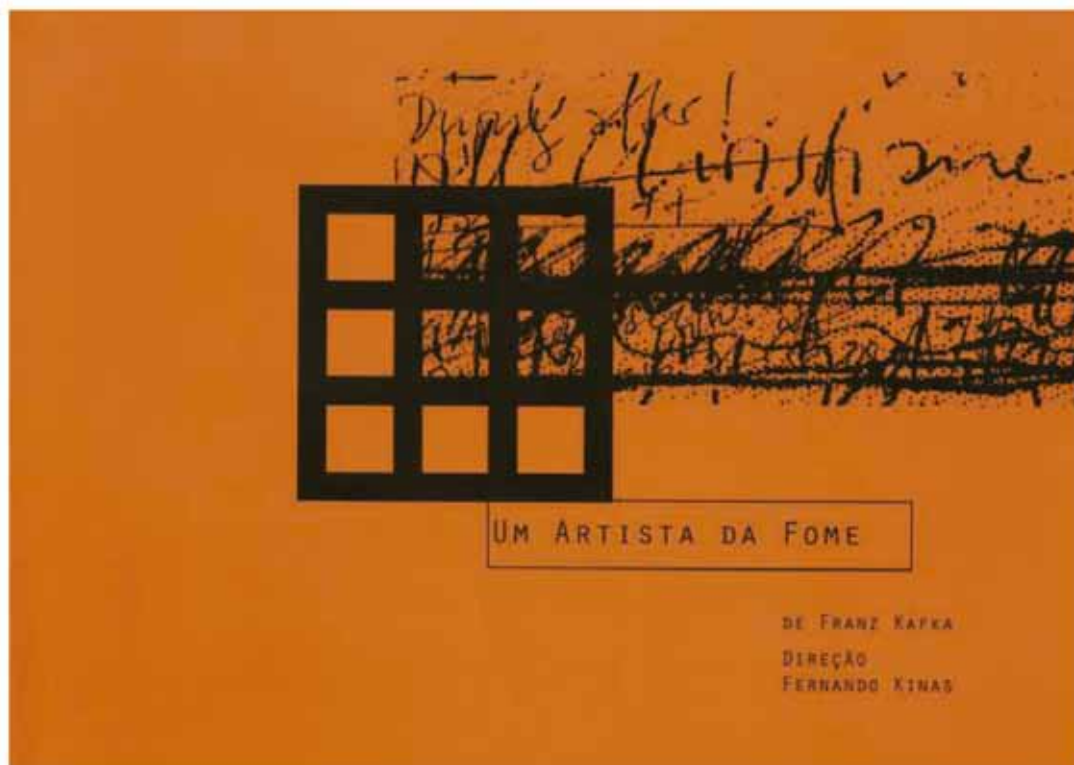


Clóvis Inoce: dicção perfeita para captar a sonoridade do texto de Kafka.

isso menos desejáveis —. Neles se ocultam o insaciável e inconformado apetite da criação. Este fosso é preciso visitar.

Reapresentações nos dias 23 e 26, à meia-noite.

recorte de jornal *Um Artista da Fome*



capa programa *Um Artista da Fome*



Teatro Estréia:

O que acontece se a arte vira produto, mera mercadoria?

Esse é o tema da criação cênica da Cia. Kiwi, que tem música ao vivo, mescla de gêneros e une peças e textos teóricos

Both Néspoll

Em dezembro, grupos teatrais de diferentes Estados reuniram-se em Porto Alegre para discutir sua arte. Entre os temas em pauta a dificuldade de compreender o teatro como bem-simbólico e direito coletivo numa sociedade em que o conceito de cidadão vem sendo substituído pelo de consumidor. A preocupação com a transformação da arte em mera mercadoria foi tema central da discussão e também perpassa a entrevista do diretor Antunes Filho, publicada nessa edição.

Assim, não é fruto do acaso que *Teatro Mercadoria # 1* (da situação 1) seja o título da nova criação cênica da Cia. Kiwi, dirigida por Fernando Kinas, que inicia temporada no Teatro Fábrica. O objetivo do diretor e seu grupo — os atores Fábio Salvatelli, Fernanda Azevedo, Lorí Santos, Márcia Bechara, Valéria di Pietro; os músicos Eduardo Contrera e Elaine Giacomelli e o artista visual Gavin Adams, responsável pela edição de imagens — é provocar uma reflexão sobre a mercantilização da arte e da vida. E, claro, as implicações disso nas relações sociais e humanas. “Que sociedade temos? Que sociedade queremos?” foram perguntas ouvidas em Porto Alegre.

O trabalho apresentado pela Cia. Kiwi no palco do Fábrica é o primeiro desdobramento de um projeto mais amplo, apoiado pelo Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo, que inclui oficinas e um debate (veja ao lado). A meta é criar ainda dois outros espetáculos. O título e a relação dos autores cujos textos serão apropriados para as cenas — Walter Benjamin, Guy Debord, Adorno, Brecht, Karl Marx, Mario Benedetti, Rosa Luxemburgo e Böhmer — fazem temer por um teatro nos moldes do CPC da UNE em sua faceta mais panfletária, no sentido do discurso político direto.

“Sem desazer desse teatro que teve importância em sua época, se com isso você quer dizer dogmático, não é o caso. Assumimos que o tema é complexo, mas temos, sim, o interesse em questões que comumente não são tratadas cenicamente”, diz Kinas. “Só para não falar no abstrato, posso dizer que tem muita música ao vivo em cena, são interpretados trechos das peças *Woyzeck*, de Böhmer, e *Os Sete Pecados Capitais*, de Brecht, há textos teóricos e imagens projetadas que se articulam para criar uma teia de significações. Não há dedo em riste.”



ATRÁS DA CORTINA - Atores e público se acomodam juntos no palco

MANUTENÇÃO

» **Oficinas**
Atelier de Pólya-Combinação
É a construção de objetos set-
tísticos a partir de material cul-
tural preexistente
Com Fábio Salvatelli
De 11 a 15, das 14 às 18 h
Teatro Fábrica

Teatro, Espetáculo e Mercadoria
Os modos de produção teatral
nas sociedades regidas pelo
modelo econômico (segundo
a definição de Guy Debord) e
pela forma-mercadoria.
Com Fernando Kinas
19 e 22/2, das 14 às 18 h

Todos os Sons
O objetivo das oficinas é o de es-

timular o conhecimento da ex-
pressão vocal como ferramen-
ta cênica, trabalhando princi-
palmente com o canto popular
e erudito e o descanto.
Com Chris Gomes
Fevereiro (locais e horários in-
dicados)

» **Debate**
Arte, Mercadoria e Espetáculo
Com a professora de econo-
mia da USP Leda Paulani e at-
vistas artísticas da periferia de
São Paulo
Dia 20/2, às 20 h

Mais informações e inscri-
ções no site www.kiwicriatedeatro.com.br

sumimos que o tema é complexo, mas temos, sim, o interesse em questões que comumente não são tratadas cenicamente”, diz Kinas. “Só para não falar no abstrato, posso dizer que tem muita música ao vivo em cena, são interpretados trechos das peças *Woyzeck*, de Böhmer, e *Os Sete Pecados Capitais*, de Brecht, há textos teóricos e imagens projetadas que se articulam para criar uma teia de significações. Não há dedo em riste.” Evidentemente que não há texto que não possa se tornar “teatral” e bem articulados e Kinas argumenta com o próprio

pensamento que funda seu trabalho para explicar o título. “Não estou preocupado em criar um título sedutor para vender um produto.” Faz todo sentido. Nesse espetáculo, que promete mesclar diferentes formatos — festa, sarau, intervenção, comédia, farsa, instalação, performance e happening —, espectadores e atores acomodam-se juntos, no palco. ■

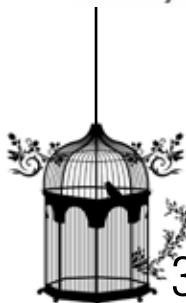
Serviço
» **Teatro / Mercadoria**, 100 min.
12 anos. **Teatro Fábrica**, R. da
Consolação, 1.623, 3255-5922.
5.º e 6.º, 21 h. R\$ 12. Até 29/2



TBA - Projeção sobre atriz em cena de *Teatro Mercadoria* que busca criar uma teia de significações

» leia » pense » escreva » clique » crie um post » comente »
mostre seu perfil » veja » baixe » suba » assista » ouça »
o seu olhar movimentará a moda e o mundo »

materia jornal *Teatro/Mercadoria*



Carne - Historias en pedazos
Meat -Stories in Pieces
Carne -Histórias em pedaços

Intervenção teatral que põe em cena a dois mujeres que presentan estadísticas, representam pequenas historias, mostram mulheres infantiles, se postan obscenamente, emuncian pasajes bíblicos y cantan tonadas discriminatorias, realizadas en el imaginario popular brasileiro. Reflexión sobre la desigualdad entre los sexos en los espacios públicos y privados.

A theatrical intervention that puts two women on stage who present statistics, perform short stories, show children's dolls, post themselves compeively, recite bílical passages, and sing discriminatory tunes, rooted in the Brazilian popular imaginary. A reflection on the inequality of the sexes in public and private spaces.

Intervenção teatral põe em cena duas mulheres que apresentam estatísticas, representam pequenas histórias, mostram bonecas infantis, postam-se obscenamente, emunciam trechos bíblicos e cantam músicas discriminatórias enraizadas no imaginário popular brasileiro. Reflete a profunda desigualdade entre os sexos que se manifesta nos espaços públicos e privados.

Membros / Membros / Membros:
Fernanda Azevedo, Fernando Kinas, Marcia Bechara.

Kiwi Companhia de Teatro
 www.kiwicompahia.de.teatro.com.br
 (Brasil)

Fecha / Date / Data:
viernes / Friday / sexta-feira,
28 de agosto

Lugar / Place / Local:
Mapa Teatro

Hora / Time / Horário:
10:30 p.m. / 22h30



TEATRO

Começa na bilheteria do Teatro Fábrica, em São Paulo, o protesto da Companhia Kiwi de Teatro contra o consumo banalizado. Na compra do ingresso para **Teatro/Mercadoria #1**, em cartaz até 29 de fevereiro, o público recebe uma cópia do manifesto **Arte Contra a Barbárie**. O documento que analisa a "situação de estrangulamento da cultura" e sugere alternativas à "poilica que privilegia o mercado e eventos promocionais" dá a linha do que será apresentado. Em cadeiras de plástico, os espectadores acomodam-se conforme podem e torcem o pescoço para acompanhar a leitura dos atores, com trechos de Walter Benjamin, Marx e Adorno. Nos intervalos, há vídeos publicitários e música ao vivo. A discussão é válida, mas o excesso de informações, por vezes embaralhadas, cria um clima de aula universitária. - ALV

50 CARTACAPITAL 30 DE JANEIRO DE 2008

Carta Capital: Teatro/Mercadoria

PROJETO TEATRO/MERCADORIA – PESQUISAS E REPERTÓRIO DA KIWI COMPANHIA DE TEATRO

Kiwi Companhia de Teatro

Atentados à sua Vida
 Texto: Martin Grop. Direção: Fernando Kinas. Apresentação em duplo: Fábio Salvetti, Anderson Chagas Gomes, Fábio Salvetti, Fernando Azevedo, Fernando Kinas, Marcia Bechara, Márcio Branco (com participação eventual do público).

Carne
 Texto e direção: Fernando Kinas. Apresentação em duplo: Fábio Salvetti, Cláudio Gomes e Fernando Azevedo. Música: Eduardo Costeira.

Ruínas
 Texto e direção: Fábio Salvetti (a partir de Philip Greenfield) e outros. Direção: Fernando Kinas. Apresentação em duplo: Cláudio Gomes, Fernando Azevedo e Márcio Branco.

Eu Quero Ser Superficial
 Texto: Edoardo Góes. Direção: Adriano Taveira. Apresentação em duplo: Fernando Kinas. Apresentação em tripla: Fábio Salvetti, Cláudio Gomes e Fernando Azevedo.

Carta Aberta
 Direção: Apresentação em tripla: Cláudio Gomes, Márcio Branco, Fernando Kinas. Apresentação em duplo: Fernando Kinas. Apresentação em tripla: Márcio Branco, Cláudio Gomes, Fernando Kinas. Apresentação em tripla: Fábio Salvetti e Sérgio Vazari. Apresentação: Natá Flóer.

Teatro/Mercadoria # 1
 Apresentação em tripla: Walter Benjamin, Guy Debord, Theodor Adorno, Ernst Bloch, Per Hillebrand, Bertolt Brecht, Max Tzi-Long, Klaus Mann, Antonio Gramsci, Karl Marx, Che Guevara, Marie Bonaparte, Rita Lorenburg, Georg Büchner. Direção e apresentação: Fernando Kinas. Apresentação em tripla: Fábio Salvetti, Cláudio Gomes, Eduardo Costeira, Fábio Salvetti, Fernando Azevedo, Fernando Kinas, Sérgio Azevedo, Lutz Seifert, Tom Palumbo. Apresentação em tripla: Cláudio Gomes, Eduardo Costeira, Edoardo Góes. Apresentação em tripla: Edoardo Góes e Nat Flóer. Apresentação em tripla: Guy Debord. Apresentação em tripla: Fábio Salvetti e Sérgio Vazari. Apresentação: Paulo Ennio.

CRONOGRAMA

TEATRO: MULTIMÉDIA LITERÁRIA

COMO PARTICIPAR: PREÇOS E INTERVENÇÃO

SESC Consolação
 Segunda e quarta, 19h. De 13 a 21, quinta de 20 a 22, sexta de 19h, sábado de 19h a 21h.

- Leituras dramatizadas, debates e apresentações cênicas:
 Dia 13: Apresentação à sua vida.
 Dia 14: Carne.
 Dia 15: Ruínas.
- Espetáculos e encenações:
 Dia 20: Eu quero ser superficial.
 Dia 21: Carta aberta.
 Dia 22: Teatro/Mercadoria # 1.

Preço: com ou sem espectador: R\$ 30, R\$ 15, R\$ 7,50. Preço cada sessão: R\$ 14, R\$ 6, R\$ 4.

Combinada por trabalhos que utilizam procedimentos de metalinguagem para questionar os recursos convencionais de representação, a Kiwi Cia. de Teatro, dirigida pelo pesquisador teatral Fernando Kinas, realiza uma série de atividades, como leituras dramáticas, debates, espetáculos e encenações, propondo discussões acerca do fazer teatral. Amplia e interlocações com públicos normalmente distantes do teatro e trata temas difícemente levados à cena.



Atriz faz protesto contra multinacional petrolífera ao receber prêmio Shell

GUSTAVO FIORATTI
DE SÃO PAULO

19/03/2014 01h11

Após receber o prêmio Shell por sua atuação em "Morro como um País - Cenas sobre a Violência de Estado", nesta terça-feira (17), a atriz Fernanda Azevedo fez um breve protesto contra a multinacional petrolífera que apoia a premiação.

Com o troféu em mãos, ela leu trecho de um texto do escritor uruguaio Eduardo Galeano, autor do livro "As Veias Abertas da América Latina". "No início de 1995", disse Fernanda, em referência ao texto, "o gerente geral da Shell na Nigéria explicou assim o apoio de sua empresa à ditadura militar nesse país: para uma empresa comercial, que se propõe a realizar investimentos, é necessário um ambiente de estabilidade. As ditaduras oferecem isso."

Raquel Cunha/Folhapress



Ganhadora do prêmio Shell, Fernanda Azevedo, por 'Morro Como um País - Cenas Sobre a Violência de Estado'

A decisão de fazer o discurso foi tomada pela Kiwi Companhia, da qual Fernanda faz parte. O grupo encenou "Morro Como um País" a partir de um estudo sobre contradições

TEATRO ■ Cella de presos políticos é cenário de intervenção artística hoje (9) e amanhã (10) na UnB e no CEF 213



Três Metros Quadrados

Um espaço de três metros quadrados é cenário da peça 'Três Metros Quadrados', encenada por Fernanda Azevedo, num espaço que representa as celas de presos políticos durante as ditaduras do Brasil, Argentina, Chile e Uruguai nos anos 1970. O trabalho soma informações didáticas e criação poética, arte e reflexão social à estética e política, em um projeto de nação no qual palavras como justiça e igualdade fazem parte do cotidiano.

A intervenção teatral, que acontece nos dias 9 e 10 de junho, foi preparada durante de três anos de pesquisas, que incluíram viagens de estudo, análise crítica de material iconográfico e musical, participação em debates, seminários e acompanhamento de coletivos que lutam por memória, verdade e justiça.

O trabalho da Comissão Nacional da Verdade, que será encerrada este ano, e as discussões impulsionadas por movimentos de Memória, Verdade e Justiça, forjaram um falso consenso sobre equívocos decisivos da história recente do Brasil, segundo a peça. "Neste sentido, julgamos ser necessário relembrear, divulgar e debater o significado das lutas contra o regime militar ditatorial nos anos 60/70 para refletir sobre o Brasil atual e seus desafios", explica o diretor Fernando Kinas.

A Kivi Companhia de Teatro, associada à Cooperativa Paulista de Teatro, é responsável pelo projeto, que tem como público-alvo jovens entre 14 e 25 anos para apresentar o lado que eles, muitas vezes, desconhecem. "As novas gerações, a quem nosso trabalho dedica especial atenção, nada ou pouco conhecem dos fatos", diz Fernando.

Serviço: O espetáculo está em cartaz no CC 04 - Campus Universitário de UnB, no dia 9 às 17h, e no CEF 213 em Santa Maria, no dia 10 às 20h. Entrada franca. Classificação indicativa: 16 anos.

FERNANDA Azevedo encena reflexão política e social pós-regimes militares



Rio e São Paulo recebem peças e projetos sobre a ditadura brasileira

· Golpe militar de 1964 completa 50 anos nesta segunda-feira

· Montagens, filmes, leituras e intervenções vão abordar o assunto

Recomendar

140

Tweet 4

1

1

1

1

O GLOBO (EMAIL)

Publicado: 21/03/14 - 15h47 Atualizado: 21/03/14 - 15h58



Fernanda Azevedo em 'Morro como um pão', que chega ao Rio em abril. Vencedora do Prêmio Shell em São Paulo na categoria melhor atriz, a peça aborda a ditadura brasileira Divulgação

RIO — A partir desta segunda-feira, data em que o golpe militar de 1964 completa 50 anos, Rio e São Paulo serão palcos de peças, exibição de filmes, shows, leituras e intervenções que vão lembrar a ditadura. Veja alguns destaques da programação.

Vigília Pela Liberdade. O projeto, que acontece nesta segunda e terça-feira em São Paulo, levará à Praça Roosevelt uma série de atividades multidisciplinares, entre peças, shows, leituras, exibição de filmes e intervenções urbanas. Idealizado por Asdrúbal Serrano e pela Cia. Os Satyros, o evento é gratuito e pretende relembrar aspectos cruciais da ditadura militar sob o ponto de vista das artes e da cultura, através de uma releitura feita por artistas contemporâneos das manifestações culturais em evidência na época do Golpe.

Docudrama. Nesta terça-feira, o diretor Fabiano de Freitas leva ao ar da Rádio MEC, às 10h, o documentário radiofônico "Eles não nos calaram". Inserido na linguagem do radioteatro, a obra mescla depoimentos reais dos stores Gracindo Jr e Gerdal dos Santos.

Montagens teatrais. A partir desta terça-feira, o Centro Cultural São Paulo recebe o projeto "O imaginário dos 50 anos do Golpe", idealizado





Vencedora do Prêmio Shell encena espetáculo na Piollin

JĂMARRÍ NOGUEIRA

DIVULGAÇÃO

Sozinha em cena, Fernanda Azevedo consegue ser muitos. A atriz, Prêmio Shell em 2013, é a estrela de *Morro como um País*, peça que será encenada hoje e amanhã, às 20h, e domingo às 19h, no Centro Cultural Piollin (ao lado da Bica), em João Pessoa. Entrada gratuita.

O espetáculo da companhia paulistana Kiwi, dirigido por Fernando Kinas, fomenta um pensamento crítico a respeito do período da ditadura militar iniciada após o golpe de 1964.

Entre um solo de bateria, manequim de loja de roupas e número de mágica, Fernanda Azevedo transmuta-se e mistura-se a linguagens pouco convencionais para, quase que didaticamente, remontar o passado



Fernanda 'contracena' com boneco que representa Geisel

em busca de uma melhor compreensão a respeito de nosso presente.

"O público precisa se emocionar, mas também precisa ter uma visão crítica", disse Fernanda, deixando clara a influência do teatro de Bertold Brecht em *Morro como um País*.

Teatro político contra os diversos tipos de violência e, claro, contra a tortura, *Morro como um País* é

um espetáculo que precisa ser visto! Hoje, após a peça, haverá um debate. Amanhã, *1964 - Um Golpe contra o Brasil*, de Alípio Freire, será exibido às 16h. A mesma programação, no Nordeste, já passou por Fortaleza e Crato (CE).

MORRO COMO UM PAÍS. Hoje e amanhã, às 20h, e domingo, às 19h. No Teatro Piollin (R. Sizenando Costa, Roger, João Pessoa). Entrada franca.



MORRO COMO UM PAÍS

50 ANOS DO GOLPE

Peca teatral
MORRO COMO UM PAÍS

06, 07 E 08 DE JUNHO DE 2014
sexta e sábado 21h, domingo 20h

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL
Teatro 1, SCES Trecho 2, Brasília DF

Ônibus gratuito. Verifique horários e locais de saída.
Info 61 3108 7600 • bb.com.br/cultura

[/ccbb_df](https://twitter.com/ccbb_df) • [f/ccbb.brasilia](https://www.facebook.com/ccbb.brasilia) • [YouTube/bancodobrasil](https://www.youtube.com/bancodobrasil)
SAC 0800 729 0722 • Ouvidoria BB 0800 729 5678 •
Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 729 0088
Informações da companhia: 11 97619 1690
ou kiwiciadeteatro@gmail.com

INDICADO PARA MAIORES DE 14 ANOS
INGRESSOS GRATUITOS

Intervenção cênica
TRES METROS QUADRADOS

09 DE JUNHO DE 2014
segunda, 12h

ICC Anfiteatro 09
Universidade de Brasília (UNB).
Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília DF

10 DE JUNHO DE 2014
terça, 20h

Centro de Ensino Fundamental (CEF 213). CL 213,
Lote 01, Conjunto A, Santa Maria DF

Exibição do filme
1964 - UM GOLPE CONTRA O BRASIL,
de Alípio Freire + debate com o diretor
09 DE JUNHO DE 2014
segunda, 18h

ICC Anfiteatro 09 Universidade de Brasília, Campus
Universitário Darcy Ribeiro, Brasília DF

**PRÊMIO
SHELL**
MELHOR
ATRIZ
2013

REALIZAÇÃO:



www.kiwiciadeteatro.com.br



Produção Cultural



MEMÓRIAS DA ANTESA

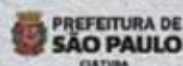
Projeto
Memórias da Memória

Comissão de
Análise

Ministério da
Justiça

BRASIL
PAÍS BRILHANTE PAÍS SEM FURTO

APOIO:



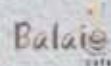
PREFEITURA DE
SÃO PAULO
CULTURA



FOMENTO
TEATRO



MONTREAL
Turismo



Balaie
2014



CENTRO CULTURAL



**XII CIRCUITO
TUSP DE TEATRO**
PIRACICABA | SÃO CARLOS
BAURILI | RIBEIRÃO PRETO

**PIRACICABA
13 A 17 DE MAIO**


APRESENTAÇÕES GRATUITAS

13.05 | 20h
 SESI PIRACICABA
CARNE KIWI CIA. DE TEATRO

14.05 | 20h
 SESI PIRACICABA
{ENTRE} COLETIVO NEGRO

15.05 | 20h
 SESI PIRACICABA
MONGA IN BOCA AL LORO

16.05 | 20h
 SESI PIRACICABA
**FRIDA KAHLO:
CALOR E FRIO** ESTELAR DE TEATRO

 destaque nas fronteiras

sábado 13.09 e domingo 14.09

Espectáculo. Carne – Patriarcado e Capitalismo.
 Grupo. Kiwi Companhia de Teatro (São Paulo).
 Local. Espaço Cultural Barroquinha
 Horário. 19:00 h
 Duração. 90 minutos.
 Faixa etária. 14 anos
 Foto. Bob Sousa



Sinopse. "Carne – Patriarcado e capitalismo", discute as relações entre patriarcado e capitalismo, mostrando o panorama da opressão de gênero e a situação específica da violência contra as mulheres no Brasil. No trabalho cênico são utilizadas canções populares, imagens publicitárias, estatísticas sobre a violência contra as mulheres, trechos de romance, entre outros materiais. Em cena estão duas atrizes e um músico que executa parte da trilha ao vivo.

Kiwi Companhia de Teatro. A Companhia surgiu em 1996 e é responsável por montagens teatrais e leituras dramáticas, além de experiências cênicas e intervenções urbanas; também organizou cursos, oficinas, eventos multiartísticos e debates. Recentemente produziu um documentário de longa-metragem a partir do projeto Carne – Patriarcado e capitalismo e o caderno de estudos Contrapelo. O grupo procura elaborar um pensamento crítico sobre o teatro, contribuir para a compreensão de temas contemporâneos e intervir artística e politicamente na vida social do país, em geral associado a movimentos sociais e populares. Os trabalhos da Companhia têm sido apresentados em diversas cidades do país, além de participar de festivais e encontros de teatro e performance no Brasil e no exterior. Fernando Kinas é diretor e pesquisador teatral. Fundou em 1996 e dirige desde então a Kiwi Companhia de Teatro. É doutor em Teatro pela Sorbonne Nouvelle e USP.

Ficha Técnica. Roteiro: Fernanda Azevedo e Fernando Kinas / Direção Geral, Espaço e iluminação: Fernando Kinas / Elenco: Maria Dressler e Fernanda Azevedo / Direção e Execução Musical: Eduardo Contrera / Assistência de Direção e Produção: Luiz Nunes / Assistente de produção: Daniela Embón / Pesquisa de Imagem e Projeção: Fernando Kinas (colaboração Gavin Adams) / Figurino: Fernanda Azevedo / Programação Visual: Paulo Emílio Buarque Ferreira

Espaço Cultural Barroquinha. Praça Castro Alves, s/n – Centro. Salvador
 Telefone: (71) 3322-2646



Pela autonomia de pensamento

EM CARTAZ Peça da Kiwi Companhia de Teatro faz inventário crítico das mistificações contemporâneas

Eduardo Campos Lima
de São Paulo (SP)

EM MANUAL de Autodefesa Intelectual, a Kiwi Companhia de Teatro apresenta um conjunto panorâmico de 35 quadros sobre todo tipo de mistificações que influenciam o pensamento contemporâneo — e que prendem os indivíduos a tolerarem a irracionalidade seja em suas vidas pessoais, seja na macropolítica.

Em forma de apresentação didática, por vezes desdobrada em diálogo franco com o público, a peça lança mão de diversos textos poéticos e teóricos para refletir sobre a desmistificação em diferentes níveis da experiência contemporânea. Embasam o debate escritos de René Descartes, Karl Marx e Carl Sagan, além do conto Ideias do Cadeado, de Machado de Assis e materiais de fontes diversas (bilhetes de visitantes, análises psicológicas, números de mágica, depoimentos pessoais, composições musicais originais, coreografias, entre outros).

Um conjunto de episódios faz um inventário, por exemplo, das ramificações culturalmente diluídas no Brasil, como o hábito de lutar três vezes na modelagem ou de colher trevas de quatro filhas para obter sorte. Outro quadro aborda o mundo de consultas espirituais e astrológicas existentes em São Paulo. A leitura de alguns dos poemas distribuídos na cidade procura evidenciar o caráter insulino de boa parte das promessas publicitárias.

“Não nos interessa o ateísmo pelo ateísmo, mas a autonomia. Como a esquerda luta pela autonomia dos trabalhadores, como luta pela autonomia das mulheres, precisamos lutar também pela autonomia crítica de pensamento”

Essa camada mais imediata de mistificações é continuamente sustentada por um nível mais amplo, que envolve as grandes religiões, a publicidade e a política. “Um dos princípios do projeto era justamente fazer o trânsito entre aspectos cotidianos e situações macrosociais com grande alcance sobre a vida das pessoas”, explica o diretor Fernando Kinas. Elementos da ideologia corrente, por exemplo, facilitam uma passagem de um nível a outro. “É comum ouvir que sempre vão existir ricos e pobres. Ou seja, este tipo de formulação, muito cotidiana e familiar, tem uma significação ideológica clara e um alcance

Teatro documentário

de São Paulo (SP)

A peça fundamenta-se em grande parte em documentos reais, como anúncios publicitários, depoimentos, análises teóricas e vídeo — sem utilizar textos teatrais para tratar dos assuntos fundamentais de cada episódio.

“É um caminho que nossa companhia tem trilhado e que se relaciona com a tradição do Teatro Documentário. Na peça, não existe construção dramática convencional: podemos usar um texto de Marx ou uma análise sobre estatística, um poema ou, eventualmente, o trecho de uma peça de teatro. Articulamos esses materiais tão plurais juxtapondo dialeticamente os quadros ou episódios”, explica Kinas. Cada um dos quadros concentra a discussão de determinado assunto, mas a articulação entre eles produz novos conteúdos.

O Teatro Documentário em que a Kiwi fundamenta seu trabalho foi sistematizado sobretudo na década de 1960, pelo teatrólogo alemão Peter Weiss. Não se trata unicamente de organizar conteúdos autênticos e provenientes da realidade concreta, mas sobretudo de utilizá-los de forma a construir em cena uma totalidade crítica e diretamente relacionada à vida social.

O projeto Manual de Autodefesa Intelectual inclui uma oficina sobre Teatro Documentário, que será ministrada pelo diretor Fernando Kinas nos dias 5 e 6 de maio. (ECL)



Em apresentação didática a peça reflete a desmistificação da experiência contemporânea

político considerável, como é o caso, aliás, da maioria dos provérbios e ditos populares”, analisa.

No plano da grande política, um dos quadros, por exemplo, aborda a entrada das EUA no conflito entre Irã e Kuwait, em 1990. Os atores exibem um vídeo — real — em que uma jovem iraniana desce, no Congresso dos EUA, sobre a invasão iraquiana a seu país. Identificada apenas como Nayirah, a moça descrevia aos presentes que soldados do Irã que tomaram um hospital em sua cidade e tiraram os bebês das incubadoras, deixando-os morrer.

Após assistirmos ao tocante depoimento — que foi fundamental para que os estadunidenses aprovassem a entrada do país na guerra — descobrimos que era tudo falso: a moça na verdade era filha do embaixador de Kuwait nos EUA e jamais presenciou os fatos narrados. A operação em que ela foi utilizada havia sido inteliramente planejada por uma agência de relações públicas.

Um debate da esquerda

O projeto nasceu quando a Kiwi estava envolvida em seu trabalho anterior, Mo-

ri Como um País, em que abordava a violência institucional, sobretudo nos ditames dos século 20. “Concluímos que era necessário falar sobre o sistema de crenças da sociedade, aquilo que tornava possível que regimes autoritários conseguissem seletos das pessoas — ainda que funcionassem contra elas mesmas”, relembra Kinas.

O grupo entrou em contato com a obra do autor canadense Norman Baillargeon, professor da Universidade de Montreal e militante social que se dedica à desmistificação das crenças e ideologias contemporâneas. Seu livro Pequeno Curso de Autodefesa Intelectual inspira o nome do projeto da Kiwi. Outros textos de mesmo teor, produzidos nos EUA e em Portugal, confirmaram os rumos do trabalho.

O distante ideológico amplo é um dos fundamentos do marxismo e baseia também a perspectiva de trabalho teatral de Bertolt Brecht, diretor alemão cujas formulações sobre o teatro épico inspiram a Companhia. Mas o debate direto da religião, conforme aponta Kinas, não tem sido feito de forma sistemática pela esquerda brasileira — e o

grupo atua que chegou ao momento de reavaliá-lo em questão.

“Desde o começo do marxismo, já se discute a pertinência de fazer o debate religioso, já que há contradições em diferentes trajetórias e sensibilidades que vão se projetando na luta. No Brasil, muitas vezes o tema foi deixado de lado, em modo de provocar divisões na classe operária”, define Kinas.

“Mas me parece importante que a esquerda critique pontos como elementos, sem certas palavras, qualificando sua compreensão da realidade social e suas lutas. Não parece adequado postergar esta discussão, aguardando uma eventual melhora no nível de consciência dos trabalhadores.”

A peça da Kiwi inclui cenas diretamente baseadas e não utiliza subterfúgios para criticar todas as religiões estabelecidas como formas de mistificação.

“Não nos interessa o ateísmo pelo ateísmo, mas a autonomia. Como a esquerda luta pela autonomia dos trabalhadores, como luta pela autonomia das mulheres, precisamos lutar também pela autonomia crítica de pensamento”, conclui Kinas.



A peça inclui cenas diretamente baseadas para formas de mistificação

Serviço

Até 10 maio

Quinta a sábado às 21h30 e domingo e 1ª de maio às 18h30
Ingresso R\$ 25,00 (inteiro) R\$ 12,50 (meia-entrada) R\$ 7,50 (trabalhador do comércio de bens, serviços e turismo credenciado no local e dependente)

Sect Belentrô

Endereço: Rua Padre Adolfo, 1000
Belentrô — São Paulo/SP
Telefone: (11) 2070-9700

OBS: Esta agendado para uma temporada para julho deste ano, no Galpão do Follis, região central de São Paulo, ao lado do metrô Santa Cecília. Nessa temporada haverá ingressos gratuitos para movimentos sociais, organizações populares e estudantes do ensino público.

Assine o Brasil de Fato e ganhe um livro da editora Expressão Popular! *

Veja as opções abaixo e faça sua escolha:

Anual (52 edições) R\$ 150,00.

Bianual (104 edições) R\$ 260,00.

Você pode pagar em até

3 vezes no cartão ou à vista no boleto.

Aproveite! Faça sua assinatura.

Assim você contribui para manter uma imprensa alternativa e popular.

Ligue para (11) 2131-0800
ou visite o nosso site:
www.brasildefato.com.br



MANUAL DE AUTODEFESA INTELLECTUAL

9 DE ABRIL A 10 DE MAIO DE 2015

quinta a sábado, às 21h30
domingo e 1ª de maio, às 18h30

KIWI COMPANHIA DE TEATRO

ROTEIRO E DIREÇÃO GERAL:

Fernando Kinas

ELENCO:

Fernanda Azevedo

Maíra Chasseraux

Maria Carolina Dressler

Vicente Latorre

Eduardo Contrera (músico)

Elaine Giacomelli (musicista)



14 Não recomendado para menores de 14 anos

Ingressos à venda pelo Portal Sesc SP (www.sescsp.org.br), a partir de 31/03/2015, às 15h30, e nas unidades, a partir de 01/04/2015, às 17h30.

Sesc
Belenzinho

Rua Padre Adelino, 1.000

CEP 03303-000 | Belém TEL.: (11) 2076 9700

email@belenzinho.sescsp.org.br

sescsp.org.br/belenzinho

[Facebook](#) / [Instagram](#) / [Twitter](#) / [SescBelenzinho](#)

PRODUCIR



www.fundacaofedre.com.br
www.fundacaofedre@gmail.com

COOPERATIVA
PAULISTA
DE TEATRO

ARTE

FOMENTO
TEATRO

ESTE PROJETO FOI COFINANCIADO PELO PROGRAMA MUNICIPAL
DE FOMENTO AO TEATRO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO.

PREFEITURA DE
SÃO PAULO

REALIZADO

Sesc



• programação • cursos • turismo • unidades • serviços • conteudoteca • livreria



-A +A

Estreia da Kivi Companhia de Teatro, o trabalho cênico discute, em 30 cenas, o fenômeno das crenças no mundo atual. O analfabetismo científico, que faz com que muitos acreditem em explicações místicas e floções; a confusão frequente entre opinião e conhecimento (doxa e episteme); os erros oriundos do pensamento circular e das relações inexistentes de causa e efeito; a presença ostensiva da fé no cotidiano; a tendência a aceitar premissas falsas como verdadeiras; a ausência da verificação das fontes; a aceitação passiva de argumentos de autoridade, entre outros procedimentos baseados na intuição, no senso comum, na mídia hegemônica e nas experiências imediatas e pessoais, criam um ambiente propício ao engano e ao erro. Três atrizes, um ator e dois músicos abordam estes temas mobilizando recursos do teatro e da música, mas também da dança, de mágica e do audiovisual.

Após a apresentação do dia 19 de abril, haverá o debate "Obscurantismo, pensamento crítico e estética", com a participação da equipe artística e do sociólogo, pesquisador da Universidade de São Paulo e Professor da FAPESP, José Correa Leite. O tema central do debate será a emergência dos novos obscurantismos e a reflexão crítica de inspiração iluminista à luz da produção artística contemporânea.

Roteiro e direção geral: Fernando Kinas.

Elenco: Fernanda Azevedo, Maira Chasseriaux, Maria Carolina Dressler, Vicente Latorre.

Músicos: Eduardo Contrera, Elaine Giacomelli.

Direção musical e composições originais: Eduardo Contrera. **Cenário:** Julio Dojcar.

Iluminação: Heloisa Passos. **Coreografia:** Luiz Fernando Bongiovanni. **Figurino:** Madalena Machado. **Vídeos:** Carolina Abreu, Filipe Vianna (colaboração de Maysa Lepique).

Direção de produção: Luiz Nunes. **Assistência de produção:** Daniela Embón. **Produção executiva:** Adriana Balsanelli. **Programação visual:** Camila Lisboa.

Assistência de iluminação, operação de luz e som: Clébio de Souza (Dedê).

Produção: Kivi Companhia de Teatro.

Local: Sala de Espetáculos I

Duração: 110 minutos

[Foto: Fernando Kinas]

• [saiba mais](#)

TEATRO

Manual de Autodefesa Intelectual

14

• SESC Belenzinho • [ver no mapa](#)

• [compartilhar](#)

19/04

🔴 R\$ 7,50 🔴 R\$ 12,50 🔴 R\$ 25,00

Esgotado



DOM
18H30

Venda online desde

31/03/2015 15:30

À venda nas unidades desde

01/04/2015 17:30

23/04

🔴 R\$ 7,50 🔴 R\$ 12,50 🔴 R\$ 25,00

Comprar

QUI
21H30

Venda online desde

31/03/2015 15:30

À venda nas unidades desde

01/04/2015 17:30

24/04

🔴 R\$ 7,50 🔴 R\$ 12,50 🔴 R\$ 25,00

Comprar

SEX
21H30

Venda online desde

31/03/2015 15:30

À venda nas unidades desde

01/04/2015 17:30



Espectáculo Manual de Autodefesa é boa pedida para quinta

Peça tem dança, música, mágica e 30 cenas teatrais

DE A TRIBUNA ON-LINE

17/06/2015 - 14:45 - Atualizado em 17/06/2015 - 15:07



Apresentação do Cia Kiwi de Teatro acontece a partir das 21h

Três atrizes, um ator e dois músicos mobilizam recursos do teatro, da música, da dança, da mágica e do audiovisual discutindo, em 30 cenas, o fenômeno das crenças no mundo atual. Este é o espetáculo Manual de Autodefesa Intelectual da Kiwi Cia de Teatro (SP), que se apresenta nesta quinta-feira (18), das 21h às 22h50, no teatro do Sesc.

O analfabetismo científico, que faz com que muitos acreditem em explicações místicas e ficções; a confusão frequente entre opinião e conhecimento (doxa e episteme); os erros oriundos do pensamento circular e das relações inexistentes de causa e efeito; a presença ostensiva da fé no cotidiano; a tendência a aceitar premissas falsas como verdadeiras; a ausência da verificação das fontes; a aceitação passiva de argumentos de autoridade, entre outros procedimentos baseados na intuição, no senso comum, na

mídia hegemônica e nas experiências imediatas e pessoais, criam um ambiente propício ao engano e ao erro.

O roteiro e direção geral é de Fernando Kinas. No elenco Fernanda Azevedo, Maira Chasseraux, Maria Carolina Dressler, Vicente Latorre.

Os ingressos custam R\$ 20,00 (inteira) e estão à venda na bilheteria do teatro. O endereço é R. Conselheiro Ribas, 136.



Cultura

SP: Manual de Autodefesa Intelectual reestrea no Galpão Folias, em julho

Da Redação



postado em: 22/06/2015

Após temporada de sucesso no Sesc Belenzinho, a Kiwi Companhia de Teatro reestrea sua nova montagem Manual de Autodefesa Intelectual no dia 3 de julho, sexta-feira, no Galpão Folias, às 21 horas.

Com roteiro e direção assinados por Fernando Kinas, o trabalho cênico aborda um conjunto de temas relacionado às mistificações e credices contemporâneas. Da peça também fazem parte reflexões filosóficas, principalmente a partir da obra de René Descartes (1596-1650), e números de mágica.

O espetáculo utiliza recursos do teatro documentário, além de música, dança e audiovisual, prosseguindo as pesquisas recentes do grupo com a linguagem narrativa, como em Teatro/mercadoria e Morro Como Um País. Por este último trabalho a atriz Fernanda Azevedo recebeu o Prêmio Shell de Melhor Atriz, em 2014.

Manual de Autodefesa Intelectual investiga - por meio de 30 cenas - temas tão diversos quanto a numerologia, o horóscopo, o pensamento circular, a mídia empresarial, o surgimento da publicidade moderna, as religiões e as teorias da conspiração ("Elvis não morreu", "o homem não foi à Lua" etc).

Em cena está um elenco de três atrizes (Fernanda Azevedo, Maíra Chasseraux, Maria

Carolina Dressler), um ator (Vicente Latorre) e dois músicos (Eduardo Contrera e Elaine Giacomelli). Heloísa Passos, conhecida pela sua atuação no cinema, assina a iluminação. Julio Dojcsar é responsável pela cenografia.

<iframe width="616" height="346" src="https://www.youtube.com/embed/G80n04GF8jE" frameborder="0" allowfullscreen></iframe>

Segundo o diretor Fernando Kinas, as superstições e o analfabetismo científico fazem com que muitas pessoas não apenas acreditem, mas organizem suas vidas a partir de explicações místicas e ficções. “A confusão frequente entre opinião e conhecimento (doxa e episteme); os erros oriundos do pensamento circular e das relações inexistentes de causa e efeito; a presença ostensiva da fé no cotidiano; a tendência a aceitar premissas falsas como verdadeiras; a ausência da verificação das fontes; a aceitação passiva de argumentos de autoridade, entre outros procedimentos baseados na intuição, no senso comum, na mídia hegemônica e nas experiências imediatas e pessoais criam um ambiente propício ao engano e ao erro”, explica.

A produção de Manual de Autodefesa Intelectual foi viabilizada pela Lei de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo 2014/2015.



[reportagens](#)

07/04/2015 19h16 - Atualizado em 07/04/2015 19h16

Em 30 cenas, Kiwi Cia de Teatro cria debate sobre crenças e mistificações

'Manual de Autodefesa Intelectual' estreia nesta quinta no Sesc Belenzinho

[imprimir](#)



Atores levam ao palco reflexões filosóficas de

René Descartes e Karl Marx (Foto: divulgação)

Das religiões às superstições, da astrologia à medicina alternativa, cada pessoa tem suas crenças particulares e isso não se discute. Ou não? O novo espetáculo da Kiwi Companhia de Teatro, **"Manual de Autodefesa Intelectual"**, propõe um debate sobre temas relacionados às mistificações e credências contemporâneas. A peça estreia nesta quinta-feira, no Sesc Belenzinho, e dá seguimento a pesquisas recentes do grupo com a linguagem narrativa. Além de usar reflexões filosóficas – surgidas principalmente a partir da obra de René Descartes (1596-1650) –, também são levados ao palco números de mágica, músicas inéditas, projeções de vídeo e um letreiro digital que exhibe diversas palavras-chave ao longo das quase duas horas de apresentação.

O diretor Fernando Kinas explica que o desejo de abordar o assunto veio da análise de que algumas crenças podem ter um impacto grande na vida das pessoas. Fazendo um paralelo com os dias hoje, ele ressalta artifícios usados por diversos meios comunicações em massa para chegar até as pessoas.

– Aceitar como verdade ideias que não têm um fundamento ou uma base real pode ter implicações grandes, por isso é preciso ter cuidado ao tratar sobre temas como religião ou teorias que ainda não foram comprovadas – explica Kinas, responsável pelo roteiro e direção do espetáculo.



Companhia promove ainda bate-papo sobre o

tema e curso sobre Teatro Documentário (Foto: divulgação)

A peça é dividida em 30 cenas curtas, que abordam os mais variados assuntos: astrologia, milagres, poderes ligados ao sexto sentido e até mesmo a medicina homeopática são colocados em xeque pelo grupo.

No entanto, a companhia formada em 1996 tenta explorar tais temas sem fazer qualquer tipo de juízo de valor. Tanto que aprofunda uma célebre frase atribuída a Karl Marx: "A religião é o ópio do povo". Ao longo da apresentação, os integrantes da Kiwi tentam mostrar que o pensador alemão na verdade queria dizer que a busca pelas crenças tem como base a necessidade humana de dar um sentido para as coisas.

Saiba dias e horários do espetáculo

– O mais legal é entender que essas crenças tiram as pessoas de um mundo opressor e que não corresponde às expectativas de igualdade. Não que isso seja certo ou errado, mas está diretamente ligado a uma verdadeira necessidade que as pessoas têm – conta Fernanda Azevedo, que venceu o Prêmio Shell de Melhor Atriz em 2014 pelo espetáculo "[Morro Como um País](#)".

Ela entra em cena ao lado de Maíra Chasseraux, Maria Carolina Dressler e Vicente Latorre. Ao elenco se juntam dois músicos, Eduardo Contreta e Elaine Giacomelli, que executam canções inéditas que ajudam a contar a narrativa da história.

O fenômeno das crenças também entra em debate por meio de um bate-papo realizado no dia 19 de abril, após a apresentação de "Manual de Autodefesa Intelectual". Mediado pelo cientista social José Correa Leite, a conversa passeia por temas como obscurantismo (*prática de deliberadamente impedir os fatos ou os detalhes de algum assunto se tornem conhecidos*), pensamento crítico e estética.

Além disso, a companhia também oferece um curso com o diretor sobre Teatro Documentário, ministrados nos dias 5 e 6 de maio. As inscrições são gratuitas e devem ser realizadas até 28 de abril pelo e-mail oficial do grupo (teatrodocumentario@belenzinho.sescsp.org.br).



